



1290001822



IE

TCC/UNICAMP IL5r



UNICAMP

Sorocaba

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia - IE

CE-851 – Monografia II

Monografia

Região de Sorocaba: uma análise econômica.

Relatório de monografia elaborado pelo acadêmico **Fábio Reviglio Iliovitz**, RA 001669 como exigência do curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do **Prof. Dr. Gustavo Zimmermann**.

Campinas, Dezembro de 2004

ÍNDICE

Introdução.....	3
Capítulo 1	
A Formação da Região de Sorocaba: O Surgimento da Região.....	6
1.1 A Feira de Mueares de Sorocaba.....	8
1.2 O Surgimento da Indústria na Região.....	13
Capítulo 2	
A Região de Sorocaba Inserida no Desenvolvimento do Estado de São Paulo.....	17
2.1. O Período da Industrialização Pesada (1950 – 1980).....	21
Capítulo 3	
Avaliação Populacional	26
3.1 Movimentos Migratórios.....	29
3.2 Avaliação Populacional Recente.....	33
Capítulo 4	
Avaliação do Valor Adicionado Fiscal.....	39
Considerações Finais.....	49
Anexo Estatístico.....	50
Referências	
Bibliográficas.....	60

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, será feita uma análise atual da Região de Sorocaba sobre os aspectos econômicos, produtivos e populacionais. Mas antes, é preciso recuperar os acontecimentos históricos que ocorreram na região e que ajudaram a fazer desta a terceira região mais importante do interior de São Paulo.

Para isso, a apresentação será dividida em 4 capítulos. No primeiro, serão abordados os fatos que ajudaram no surgimento desta região. Sorocaba possui uma história peculiar e distinta das outras regiões do interior paulista. Sua sociedade e sua economia não se desenvolveram diretamente pautadas nas plantações de café escravistas, mas sim, no comércio tropeiro que interligava diversas províncias do país. Por estar localizada estrategicamente entre algumas regiões importantes da época, Sorocaba tornou-se um ponto de encontro entre as rotas comerciais, abrigando a mais importante feira de muares no país. Pessoas de todo o país se reuniam nesta feira anual que, cada vez mais, ditava o ritmo da acumulação de capital e de organização urbana e comercial do povo sorocabano. A partir de então, inicia-se o processo de industrialização.

No segundo capítulo, a preocupação foi contextualizar a instalação das primeiras indústrias em Sorocaba. Apresentaremos as indústrias pioneiras na região e os entraves ao seu crescimento. Ainda neste capítulo, serão incluídas a fase de industrialização pesada brasileira (1950-1980) e a participação de Sorocaba neste processo.

A dinâmica populacional será estudada no capítulo três. Veremos como se comportou o crescimento populacional na região frente ao crescimento industrial e ao restante do estado, até a década de 1990. Também serão estudadas a intensidade dos fluxos migratórios e a influência destes na organização das cidades.

No capítulo final, iremos abordar a participação produtiva da Região Administrativa de Sorocaba no total do estado, através do Valor Adicional Fiscal gerado e do nível de emprego em cada setor. Abriremos os ramos de atividade para avaliarmos a evolução entre o período de 1980 e 1998.

CAPÍTULO 1: A Formação da Região de Sorocaba: O Surgimento da Região

A vila de Sorocaba, que na linguagem Tupi-Guarani significa “Terra Rasgada”, foi fundada em 1654 pelo capitão Baltazar Fernandes. Inicialmente, a cidade recém criada foi habitada por bandeirantes e, sendo assim, se constituiu num grande pólo do bandeirismo paulista.

Posteriormente, através das trilhas traçadas pelos bandeirantes, iniciou-se o tráfego de tropas de muares, animais conhecidos pela ótima capacidade para o transporte de cargas. Devido à sua posição estratégica entre Curitiba e São Paulo, a cidade tornou-se um ponto natural de descanso dos animais.

Na época, o comércio de índios era a principal fonte de renda, que a partir do século XVII foi substituída por outra atividade ligada ao comércio; as feiras de muares. A primeira tropa passou por suas ruas no ano de 1733, conduzida pelo Coronel gaúcho Cristóvão Pereira de Abreu, um dos fundadores do Rio Grande do Sul. A partir de então, Sorocaba tornou-se uma grande feira de comércio com a intensificação do trânsito destas tropas.

Com o passar dos anos, graças a sua posição estratégica, tornou-se marco obrigatório para os Tropeiros que circulavam pelos eixos econômicos entre Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

Em Minas Gerais, a descoberta do ouro e posteriormente de diamantes, foram responsáveis por um grande afluxo populacional para a região, tanto de paulistas, como de portugueses e ainda de escravos e fatores de produção da decadente economia canavieira do Nordeste. Essa grande corrida em busca do eldorado foi acompanhada por graves problemas como a falta de alimentos e de produtos básicos, o que contribuiu para potencializar sucessivas crises na primeira década do século XVIII, onde a falta de gêneros agrícolas resultou em grande mortalidade. Vale lembrar que a produção local de alimentos e matéria prima eram limitadas e o abastecimento alimentar e da produção eram agravados pela distância das zonas abastecedoras, pela pouca tradição de comércio interno à

Colônia, pela ausência de moedas cunhadas e pelos precários meios de transporte.

O Rio de Janeiro, tornou-se a principal cidade da colônia - e posteriormente, sua capital - devido à influência direta do mercado consumidor mineiro, que passou a utilizar o porto carioca para as suas importações e exportações.

Toda essa nova dinâmica instaurada na região mineradora provocou, assim, reflexos em outras partes da colônia:

"Outra característica da economia mineira, de profundas conseqüências para as regiões vizinhas, radicava em seu sistema de transporte. Localizada a grande distância do litoral, dispersa em região montanhosa, a população mineira dependia para tudo de um complexo sistema de transporte. A tropa de mulas constitui autêntica infra-estrutura de todo o sistema. (...) Criou-se, assim, um grande mercado para animais de carga" (Furtado, 1979).

A região que poderia suprir esta necessidade era, justamente, a região Sul. Ao longo do século XVI e início do XVII, o Rio Grande do Sul era "terra de ninguém", habitada principalmente por índios guaranis e por onde passavam eventualmente alguns bandeirantes em busca de índios para aprisionar e escravizar. Esse quadro foi modificado com a chegada de padres jesuítas. O crescimento das suas missões determinou a introdução da atividade pecuarista, de forma extensiva, geralmente com o gado solto nas pradarias. Dessa forma, instaurou-se um legado que, por muito tempo, seria a base da economia gaúcha: os grandes rebanhos de bovinos e de muare.

Inicialmente, a criação de mulas para carga se deu nas províncias hispânicas do Prata. Lá, havia já uma tradição na criação de tais animais visto que estes eram levados para os trabalhos nas minas. Seguindo a tradição, o governo português utilizou-se disso para incentivar a ocupação da região. Conciliando esta necessidade, com a crescente procura por tais animais por parte da zona

mineradora, foram criadas as condições ideais para o estabelecimento da cultura da pecuária nesta região. Além disso, desenvolveu-se na região a produção de carne seca, conhecida como charque. Este alimento foi muito importante neste processo, uma vez que o sal contido na carne conservava o alimento até sua chegada nas minas e em outras partes da colônia.

Todos os anos, subiam do Rio Grande do Sul dezenas de milhares de mulas com seus lombos carregados. Até o final do século XVIII, algo como 5-10 mil mulas passaram através do mercado de Sorocaba e este montante, provavelmente, aumentou para 10-15 mil nas duas primeiras décadas do século XIX. Esses animais, cujo destino final era a região mineradora, se concentravam em grandes feiras na região de São Paulo, reunindo compradores de todo o Brasil. Dessa forma, segundo Celso Furtado (1979), os efeitos indiretos da economia mineira articularam e contaminaram diferentes regiões do país.

As mulas da província do Rio Grande do Sul dirigiam-se ao norte parando, com freqüência, em campos de pastagens. Ao final do século XVIII, estes campos de pastagem já estavam claramente demarcados. O último deles foi fundado em Sorocaba, localizada a aproximadamente 90 km ao sul da cidade de São Paulo. Nesta localidade, encontravam-se as últimas planícies abertas e os bons campos de pastagem da rota para o norte e, necessariamente, ela tornou-se o grande mercado para a venda dos animais provenientes do sul para os agricultores e comerciantes do Brasil central (KLEIN, 1989).

A cidade de Sorocaba, desta forma, ganhou uma Feira de Muares, onde brasileiros de todos os Estados reuniam-se para comprar e vender animais. Estas feiras periódicas concentravam também parte do excedente produzidos em outras partes do Brasil, criando um centro regional de comércio com vida urbana ativa e norteando o início do crescimento.

Em 1733, passa a primeira tropa de mulas por São Paulo em direção às Minas Gerais. A partir desta data, o movimento é incessante até aproximadamente

1875, quando as estradas de ferro finalmente arrefecem significativamente essa atividade.

Durante esse século e meio, permaneceu ativa uma grande linha de comércio juntando o Sul da colônia às Minas Gerais. É a chamada linha de comércio tropeira que propiciou o surgimento de diversas cidades como Curitiba, uma parada obrigatória no percurso até as Minas Gerais para a engorda e o descanso dos animais; e Sorocaba, com seu mercado de animais e de excedentes produtivos.

O grande fluxo de pessoas e de dinheiro proporcionou desenvolvimento do comércio local, da indústria caseira, baseada na confecção de facas, facões, redes, doces e objetos de couro para montaria e de uma classe média comerciante regional.

1.1 A Feira de Muares de Sorocaba

Depois de engordados no Paraná até o início da estação chuvosa da primavera - fundamental por providenciar pasto fresco durante toda a rota - os rebanhos moviam-se vagarosamente durante vários meses em direção ao norte. Entre os meses de março e abril, fim do período de chuvas e início do de colheitas, as tropas trazidas dos campos sulinos começavam a chegar nos campos localizados no sul de São Paulo. Essa movimentação atraía pessoas oriundas de diversas localidades do Brasil reunindo, num único lugar, compradores, negociantes, vendedores e condutores, dando início à feira de muares.

Sorocaba era um lugar onde se concretizavam os mais diferentes interesses e negócios. A sociedade local se organizava praticamente durante todo o ano à espera deste evento. Atividades voltadas à feira como o comércio, a manufatura de tecidos rústicos, redes, ourivesaria entre outro, tiveram grande impulso, criando um novo espaço urbano mais dinâmico e organizado. Da mesma forma, a cidade

oferecia aos seus visitantes espetáculos artísticos, jogos de azar e esportivos, bares, bordéis, enfim, toda uma lucrativa rede de entretenimento. Alguns moradores até se dispunham a morar em casebres precários para transformar suas respectivas residências em hotéis e pousadas temporárias para os viajantes, auferindo, assim, alguma renda.

O auge do tropeirismo ocorreu no século XIX. Na década de 1820, os muares e o gado vendido em Sorocaba representaram aproximadamente o mesmo valor que o total de exportações da província de São Paulo. Segundo a Tabela 1 abaixo, o capital gerado pelo negócio de animais foi muito superior ao Orçamento da Província de São Paulo, mostrando a magnitude dessa atividade e a importância não só para os negociantes, tropeiros e criadores, mas também para as populações das cidades que recebiam o fluxo tropeiro.

Tabela 1
Capital gerado no negócio de muares e o orçamento da Província de São Paulo

Ano	Preço das reses	Preço do muar na feira	Total de animais	Total \$ reses/muares	Orçamento de São Paulo
1822	6\$000	14\$000 a 20\$000	28.264	335:669\$000 a 460:235\$000	179:788\$445
1826	6\$000	26\$000	20.840	413:220\$000	197:850\$480
1827	6\$000	26\$000 a 28\$000	19.211	318:968\$000 a 343:304\$000	297:619\$764
1829	6\$000	60\$000	14.417	554:204\$000	-----

Fonte: Straforini (2001)

Mesmo já na década de 1860, seu valor foi três vezes superior ao total de renda da província e representou uma cifra igual a 22% do valor das exportações para fora da província (Petrone, 1976).

Na medida em que o fluxo de animais se intensificava, uma nova elite formava-se em São Paulo. Tantos os tropeiros e alugadores de pasto quanto os criadores e comerciantes viram seu capitais multiplicar-se com o aumento da circulação de capitais, atraindo novos participantes.

A Tabela 2 abaixo mostra os seguintes segmentos: os comerciantes, os artesãos e manufatureiros, e os trabalhadores liberais, não havendo nenhum industrial no período. Vale ressaltar que os três setores apresentaram crescimento. O setor de comércio saltou de 99 para 143, as oficinas artesanais de 55 para 97 e os liberais de 32 para 46.

O crescimento verificado no período é resultado, justamente, do aumento do número de muares que entraram em Sorocaba. Conforme as fronteiras do café se expandiam para o oeste paulista, cresciam, também, a demanda por animais utilizados no transporte e, conseqüentemente, as atividades urbanas sorocabanas ligadas às feiras de muares. Assim, os efeitos indiretos do ciclo do café puderam ser sentidos em diversas regiões, até mesmo naquelas onde não havia produção nem comércio deste bem.

Tabela 2
Qualificação dos eleitores de Sorocaba em 1846 e 1851

Segmentos / Setores	Qualificação	No de profissionais em 1846	No de profissionais em 1851
Comércio	Negociante	96	134
	Caixeiro/contador	2	7
	Boticário	1	2
	TOTAL	99	143
Artesãos Manufatureiros	Alfaiate	2	5
	Carpinteiros	8	8
	Ferreiro	5	12
	Latoeiro	4	5
	Lombilheiro	5	8
	Marceneiro	3	3
	Ouvires	17	24
	Sapateiro	6	11
	Seleiro	2	4
	Serigoteiro	0	10
	Telheiro	1	0
	Trançador	2	7
	TOTAL	55	97
Liberais	Advogado	4	6
	Agenciador	11	23
	Artista	4	4
	Barbeiro	1	1
	Empregado	4	4
	Empregado Público	1	0
	Jardineiro	0	1
	Médico	0	1
	Padre	6	2
	Professor	0	3
	Promotor	0	1
	Solicitador	1	0
	TOTAL	32	46
Lavradores		11	0
Não Identificados		23	14

Fonte: Qualificação de Eleitor (livro 41) e Qualificação de Votantes (Livro 49)
Arquivo do Museu Sorocabano

As atividades urbanas voltadas para o comércio realizado nas feiras de muares exigiam um grande número de trabalhadores. Esses, porém, na sua maioria não eram escravos e não estavam concentrados em poucos estabelecimentos, mas espalhados em processos produtivos nas oficinas

artesanais e manufatureiras, estabelecimentos comerciais e pequenas propriedades agrícolas.

Este quadro se opunha às demais cidades do interior paulista que possuíam monoculturas voltadas para o mercado externo como base de sua economia, o caso de Campinas, Piracicaba e Itu. Nessas cidades, a exigência produtiva por mão-de-obra escrava era enorme, estabelecendo uma cultura escravista local.

Essa peculiaridade social de Sorocaba, criada pela lógica da atividade tropeira e por uma sociedade agrícola baseada na pequena propriedade de abastecimento, proporcionou uma melhor inserção do homem livre e maior oportunidade comercial.

Enquanto a atividade comercial paralela crescia e ganhava força, o comércio de muares começou a apresentar sinais de declínio. No início, as mulas eram os animais mais importantes vendidos no mercado, porém sua relevância relativa se alterou com o tempo. Representando metade dos animais na década de 1820 (Tabela 3), os muares aumentaram a participação relativa para mais de 80% no auge da década de 1850 e, finalmente, no final da década de 1870, não apenas caíram para a terça parte mas, também, foram substituídos em importância pelo gado.

Na década de 1870, os fatores de demanda passaram a afetar mais drasticamente este mercado. Foi o declínio na demanda por mulas para o transporte de café que provocou esta crise no mercado. As mulas foram gradativamente substituídas, no transporte de longa distância, pelas ferrovias.

Tabela 3
Número médio de animais e de muares chegados no mercado de Sorocaba, 1825 - 1880

Período	Muares			Todos OS animais	Anos do Período
	Média	Mínimo	Máximo		
1825-1829	10.702	8.439	14.679	21.448	4
1830-1839	19.308	11.382	27.967	29.707	10
1840-1849	26.429	20.779	29.626	32.261	10
1850-1859	40.917	40.944	57.698	48.152	10
1860-1869	39.871	26.424	55.426	48.881	10
1870-1880	17.259	5.188	37.688	36.138	11
Média do Período	27.235			37.696	
Total do Período	1.497.901			2.073.304	

Fonte: Est. Econ. São Paulo Vol. 19 No 2 p. 356 Mai - Ago

Entretanto, nas duas últimas décadas do século XIX, Sorocaba não dependia mais das feiras de muares. Neste momento, sua dinâmica interna estava suficientemente desenvolvida a ponto de gerar lucros mesmo nos meses em que a entrada de muares era mínima, estimulando atividades produtivas ao longo de todo o ano.

1.2 O Surgimento da Indústria na Região.

Sorocaba tornou-se um lugar ideal para a instalação das primeiras indústrias têxteis em São Paulo, não apenas por sua infra-estrutura desenvolvida pelas atividades ligadas ao tropeirismo, mas também pela experiência comercial e técnica de sua sociedade. Num estado onde as cidades estavam focadas na agricultura cafeeira para exportação, Sorocaba surgiu como uma grande oportunidade para o investimento industrial, uma vez que possuía mão-de-obra qualificada para operar máquinas (ferreiros, artesãos e imigrantes) e uma sociedade habituada ao trabalho assalariado.

As primeiras mudas de algodão herbáceo foram trazidas para Sorocaba em 1861 pelos ingleses que buscavam fontes alternativas para a matéria prima de sua

indústria têxtil em expansão, uma vez que a Guerra Civil Americana (1860-1865) comprometeu a produção de algodão nos Estados Unidos e o abastecimento do mercado inglês.

Essa foi a melhor saída encontrada uma vez que o solo da região, excetuando-se algumas manchas de terras férteis, é de composição granítica, além de abrigar duas serras (a de Paranapiacaba e a de Botucatu), dificultando as culturas permanentes e o cultivo intensivo, como é o caso do café (Zimmermann, 1992).

O esforço empregado no desenvolvimento da cultura algodoeira se limitou à iniciativa privada, composta pela recém constituída classe média, que possuía recursos provenientes dos muares e estava totalmente focada para fins comerciais e industriais.

A cultura rapidamente se expandiu e avançou sobre municípios próximos e até mesmo sobre os limites com a província do Paraná. Segundo documentos e registros da época, acredita-se que Sorocaba, juntamente com Itu, foram os centros pioneiros no cultivo de algodão herbáceo na província de São Paulo.

O novo rumo tomado pela economia imprimiu um novo ritmo a Sorocaba, que registrou uma produção de 30 a 40 mil arrobas de algodão em 1866 e, neste mesmo ano, presenciou a chegada de novas máquinas como as primeiras descaroçadoras movidas a vapor.

O aumento contínuo da produção exigiu um meio de transporte mais veloz, barato e eficaz que transportasse a mercadoria para o porto de Santos, visando o mercado externo. Estima-se que uma mula totalmente carregada, integrante de uma tropa de muitas mulas, viajasse entre 3 e 4 léguas por dia, ou entre 13 e 17 km. Em 1860, a colheita de 2.600 toneladas de café de Rio Claro até o porto de Santos exigiu, aproximadamente, 3.000 viagens de mulas, admitindo-se o padrão de 8 arrobas (120 kg) por animal. As mulas faziam a viagem de Rio Claro até Santos em surpreendentes 10 dias (251 km) e cada uma delas fazia, em média, seis viagens por colheita (Klein, 1989). Todo este esforço envolvia grandes custos

relacionados com a preparação dos animais e a utilização de escravos no trajeto, custos que poderiam ser diluídos e minimizados através das ferrovias, que transportavam uma maior quantidade em menos tempo.

A solução mais iminente seria conseguir uma extensão para Sorocaba da Companhia Ituana, estrada que cumpria a função de “catadora” de café, desviando seu traçado de forma a cobrir as maiores regiões e fazendas plantadoras de café em São Paulo. Entretanto, o pedido foi negado. Assim, em 1870, pelo fato de Sorocaba se localizar em um ponto estratégico entre as rotas comerciais de várias regiões, optou-se pela construção de uma ferrovia exclusiva para a cidade que seria viabilizada através de uma assinatura de ações e, em 1875, foi inaugurada a Estrada de Ferro Sorocabana.

Entre 1870 e 1880, as ferrovias estavam no auge de sua expansão pelo Estado de São Paulo, ajudando a ampliar os limites da fronteira agrícola existente. Além disso, a ferrovia contribuiu para a consolidação do urbano sobre o rural, como Gonçalves Ohtake (1982) relata com clareza:

“A ferrovia foi o primeiro passo importante para atribuir às cidades uma função específica de serviço à produção (...) A ferrovia não só modernizou e agilizou a circulação de material da produção, mas atribuiu à função transporte o caráter urbano em substituição ao rural: substituição por uma rede de relações urbanas às relações rurais, que davam existência ao tropeiro.”

Mais importante para a cidade de Sorocaba e para as zonas cafeeiras do oeste paulista foram as linhas construídas a partir de Santos, principal porto de escoamento da produção de café em São Paulo. A linha principal, partindo de Santos, chegou às cidades de São Paulo e Jundiaí em 1867 e Campinas em 1872. Uma segunda linha chegou à cidade de Sorocaba no ano de 1875. Quase que imediatamente, estas ferrovias passaram a levar o café até a costa o que, conseqüentemente, diminuiu a grande demanda por mulas utilizadas no comércio

de longa distância. (Klein, 1989). Além disso, o sucesso dessas linhas foi tal que elas rapidamente alçaram o interior, destruindo também as rotas internas de longa distância percorridas pelos tropeiros.

Eram, porém, muito frágeis as bases da expansão algodoeira na Província de São Paulo. Com o fim da Guerra Civil americana em 1865 e a conseqüente retomada da produção algodoeira no sul do Estados Unidos, a Inglaterra voltou a importar o algodão dos americanos, um produto de melhor qualidade. A partir de 1870, verificou-se uma guinada geral dos produtores de algodão, inclusive na região de Sorocaba, para outros cultivos mais lucrativos, principalmente para o café.

Mesmo assim, Sorocaba se manteve como o grande centro produtor e comercial do algodão por algum tempo. A estrada de ferro Sorocabana dependia basicamente do transporte de algodão. Assim, grandes comerciantes de algodão, como Luis Matheus Maylasky (fundador da Sorocabana), mantiveram um sistema de adiantamento dos pagamentos aos produtores que cogitavam a idéia de abandonar a cultura algodoeira.

A indústria têxtil que estava crescendo na região era outro incentivador para esta cultura. A primeira fábrica de tecidos em Sorocaba foi inaugurada por Manuel José da Fonseca em 1882, com o nome de Nossa Senhora da Ponte. Nos anos seguintes, outras iniciativas foram concretizadas: Fábrica da Banha (1883), de Francisco Mattarazzo; Fábrica de Tecidos Santa Rosália (1896), de George Oeterer, Frank Sper e Francisco de Paula Mayrink; Fábrica de Tecidos Santa Maria, de Alexandre Marchisio.

No início do século XX, outras indústrias importantes surgiram. Um grande empreendimento implantado na região, em parceria com os ingleses, deu-se em 1890, com a construção da barragem de uma usina hidroelétrica nas corredeiras do Rio Grande. Em seguida, surge a Indústria de Chitas Votorantim, abrindo as portas de um novo rumo para a cidade de Sorocaba.

CAPÍTULO 2: A Região de Sorocaba Inserida no Desenvolvimento do Estado de São Paulo.

No início do século XX, a crise do setor cafeeiro afetou a economia paulista em geral, afetando a indústria, a agricultura e a arrecadação do Governo Federal. Em meio a um arrocho fiscal, o governo não interferiu nos preços, provocando uma concentração do café com a quebra dos menores produtores.

Apenas em 1906, com o acordo de Taubaté, o Estado de São Paulo conseguiu empréstimos externos para financiar a compra de excedentes produtivos, a manutenção do preço internacional do café e dos lucros da elite cafeeira. Neste momento, o cenário para o crescimento da indústria já estava montado: capital dinheiro concentrado nas mãos da elite cafeeira; crescimento do número de imigrantes europeus assalariados, gerando mão-de-obra excedente; capacidade de importação devido às receitas das exportações de café e da borracha, na região Norte, e oportunidade de novos rendimentos provenientes da indústria. Em 1919, o Estado de São Paulo possuía 4.112 estabelecimentos da indústria de transformação, empregando 80.782 funcionários. Com a Primeira Guerra Mundial, apesar das altas taxas de lucros, o setor industrial sofreu com as dificuldades de suprimento de bens de produção e com a falta de capacidade para importar.

Na década de 20, as condições favoráveis nos mercados externos e a política permanente de defesa do preço do café explicam os bons retornos decorrentes das exportações deste bem. Na indústria, houve uma modernização industrial do setor de bens de consumo e diferenciação da estrutura industrial através do surgimento das indústrias de base, como a do aço (Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira) e a de cimento (MELLO, 1982).

Ao fim desta década, a Crise de 29 afetou toda a economia mundial. No Brasil, o setor cafeeiro sofreu um grande impacto com a queda dos preços internacionais do café em cerca de 60% entre 1929 e 1933 e, da agricultura, esta

crise se espalharia rapidamente para toda a economia. Porém, o governo adotou uma política de compra e queima do excedente de café, a fim de cobrir pelo menos os custos de produção, mantendo toda a economia de certa forma aquecida durante a crise. Essa decisão foi crucial para que toda a economia nacional não quebrasse e para que o Brasil se recuperasse rapidamente, mantendo sua produção industrial. O setor industrial paulista, em 1929, apresentou 12.867 estabelecimentos, empregando 254.771 pessoas.

O período que se inicia em 1930 e se estende até meados de 1960 foi marcado por transformações intensas em toda economia paulista. A crise da economia cafeeira abriu as portas para a indústria como um novo meio de acumulação. Entretanto, a fragilidade inicial das bases tecnológicas e financeiras deste setor não permitiu que se implantasse de uma só vez um setor de bens de produção capaz de assegurar a autodeterminação do processo de acumulação, atrelando a dinâmica industrial ao capital cafeeiro.

Inicia-se, neste momento, o período conhecido como “a industrialização restringida”, cujos limites consistiam, ainda, na pequena capacidade de importação (Negri, Gonçalves e Cano; 1988).

A indústria teve um papel importante na recuperação da economia paulista e brasileira após a crise de 1929. Em São Paulo, os investimentos industriais ganharam força com a entrada de capitais estrangeiros a partir da década de 20, diversificando a estrutura produtiva industrial.

Além da capital, a força produtiva do Estado estava centralizada nas regiões de Sorocaba, Campinas, Vale do Paraíba e Ribeirão Preto, que alocavam 26,7% dos operários de todo Estado, correspondendo a 91,6% do total do interior.

Só na região de Sorocaba, centro tradicional da indústria têxtil, encontravam-se 17.494 operários, sendo que apenas a indústria têxtil empregava 14.319 operários espalhados pelas 19 fábricas. Isso significava 21,7% dos operários no setor têxtil estadual.

Em virtude, principalmente, da forte expansão da cultura algodoeira nas regiões de Campinas e do Oeste paulista, a participação relativa dos funcionários atuando em Sorocaba se reduziu de 21,7% para 17,1%, em 1937.

Apesar desta redução, a região continuou como o mais importante parque têxtil do interior paulista, acolhendo as quatro primeiras fábricas de descaroçar algodão do interior e 57 usinas de beneficiamento de algodão.

Outros ramos da indústria também tinham papel de destaque na região. As estradas de ferro empregavam grande número de operários em suas oficinas de reparação e montagem, dando origem à indústria de material e transporte, com 30 estabelecimentos, empregando 1.645 operários em 1937. A indústria de minerais não metálicos, com 64 estabelecimentos, empregava 1.369 operários, sendo que praticamente a metade deles somente na fábrica de cimento Votorantim.

A indústria têxtil empregava quase 2/3 dos operários da região de Sorocaba e detinha mais da metade do valor da produção industrial regional, seguida pela indústria de alimentos (13% VPI) e a de minerais não metálicos (11,13% VPI). A região concentrava 10,8% do valor de produção têxtil estadual e 9,8% da indústria de minerais não metálicos.

Enquanto isso, a indústria paulista continuou a crescer extraordinariamente durante a década de 40 (9,8% ao ano), e mais ainda no período seguinte (10,8% ao ano). O crescimento mais acentuado era o da região metropolitana, mesmo assim, em 1956, no interior existiam quase 20 mil estabelecimentos, empregando 192 mil operários (32% do total estadual) e respondiam por metade do valor de produção industrial estadual. Em 1937, a região de Campinas já superava a liderança industrial de Sorocaba e a de Ribeirão Preto também o fazia em 1940.

Quanto à formação da rede urbana na região de Sorocaba, esta se procedeu de maneira mais lenta do que nas demais regiões que tinham na acumulação cafeeira sua base de sustentação, como Campinas e Ribeirão Preto. Nestas regiões, o suporte de um desenvolvimento agrícola importante para o Estado

permitiu um crescimento industrial mais intenso, acompanhado da expansão da malha urbana.

Em 1940, a região de Sorocaba já possuía sua rede urbana mais ou menos sedimentada, contando com 41 municípios. Em 1970, esse número chegaria a 59 municípios, com crescimento em torno de 44%. Durante este mesmo período, a região de Campinas cresceu 80%, passando de 46 para 83 municípios. Enquanto que Ribeirão Preto passou de 48 para 80 municípios, apresentando um crescimento de 66%.

Tabela 1
Evolução do número de municípios, segundo as Regiões Administrativas do Estado de São Paulo - 1940 – 1970

Regiões	1940	1950	1960	1970
Grande São Paulo	11	17	30	37
Litoral	13	18	22	23
Vale do Paraíba	27	28	32	32
<i>Sorocaba</i>	41	45	52	59
<i>Campinas</i>	46	58	72	83
<i>Ribeirão Preto</i>	48	59	72	80
Bauru	22	29	38	38
S. José do Rio Preto	22	38	84	85
Araçatuba	10	18	34	37
Presidente Prudente	7	25	47	50
Marília	23	34	42	47

Fonte: SEADE

Ou seja, em 1940, as três regiões tinham praticamente o mesmo número de cidades, mas em 1950, devido ao dinamismo econômico e não à dimensão territorial (Sorocaba é a maior área territorial), Campinas e Ribeirão Preto passaram a ter também o maior número de cidades com mais de 50 mil habitantes. Em 1970, Sorocaba com 175.667 habitantes era a única cidade de sua região com mais de 50 mil habitantes, refletindo o maior dinamismo da cidade se comparada à sua região.

2.1 O Período da Industrialização Pesada (1950 – 1980)

O Plano de Metas Realizado entre 1956 e 1960 modificou o padrão de acumulação da economia brasileira. Foram criadas as bases materiais, que iriam assegurar, endogenamente, a reprodução da acumulação. Afastando-se as demais barreiras, a reprodução do capital encontraria limites apenas na sua própria tendência à sobreacumulação. Esse processo se manifestaria no movimento cíclico, que caracterizaria a economia brasileira daí por diante. (Gonçalves e Cano, 1988).

Ocorreram transformações na estrutura produtiva industrial. Vieram as grandes empresas e a produção em grande escala, que trouxeram o crescimento do emprego industrial e a diversificação da estrutura social, exigindo mudanças no mundo rural e no terciário. Novas formas de articulação entre agricultura e indústria impuseram novos métodos de produção, como intensificação da quimificação e da tecnificação, que resultaram no incremento da produtividade do trabalho, na incorporação de outros cultivos e nas transformações das relações do trabalho (urbanização da mão-de-obra rural).

Todas essas mudanças apareceram claramente na urbanização do estado de São Paulo, primeiramente na metrópole e seu entorno (1º ciclo do período da industrialização pesada, em sua fase ascendente -1956-1960), e depois de forma crescente na rede urbana do interior do estado (2º ciclo ascendente, de 1968-1973).

A região de Sorocaba, na contra-mão do estado, apresentava uma tendência declinante desde a década de 50. Ao longo do período 1956/59 ocorreu uma significativa queda no número absoluto de estabelecimentos, um reduzido crescimento no número de operários (apenas 3,3%), abaixo da média verificada no estado; o que fez com que sua participação no total de operários se reduzisse de 5,54% (1956), para 5,26% (1959). O mesmo ocorreu com o valor da produção industrial, que passou de 3,90% (1956), para 3,00% (1959).

Nos anos 60, a região já dava pequenos sinais de reaquecimento. Com relação ao número de estabelecimentos da indústria de transformação, houve um crescimento real de 1/3, e isso foi acompanhado de um significativo aumento no número de operários, tendo sido criados 6.501 novos empregos. Mas este pequeno reaquecimento não foi suficiente para acompanhar o crescimento das outras regiões. Enquanto isso, o município de Sorocaba enfrentava embates políticos em defesa do desmembramento de alguns distritos. Realizado o plebiscito em 1º de dezembro de 1963, aqueles favoráveis à separação venceram por grande margem de votos, desmembrando Votorantim de Sorocaba, reduzindo significativamente o seu parque industrial.

Em meados dos anos 60, já havia a preocupação do poder público municipal em modernizar a estrutura produtiva de Sorocaba. Em 1966 foi decidido destinar uma área especialmente escolhida para se instalar o distrito industrial de Sorocaba. Os incentivos da prefeitura incluíam: doação de áreas, serviços de terraplenagens, isenção do ISS por 30 anos, infra-estrutura completa, etc. Existia na cidade mão-de-obra especializada formada nas escolas técnicas e no SENAI.

Juntou-se a esse fato a construção da rodovia Castelo Branco iniciada em 1963 foi essencial para a região que não dispunha, até então, de melhores estradas, impedindo um maior desenvolvimento industrial. Esses incentivos surtiram efeito e, em dezembro de 1969, instalava-se no distrito industrial a primeira empresa: a Fábrica de Aço Paulista (FAÇO) de um grupo sueco.

A partir de 1970, em virtude da saturação da metrópole paulista, os governos federal e estadual estimularam a descentralização industrial em São Paulo, reforçando com isso a tendência de desenvolvimento do interior, que já vinha ocorrendo. Conseqüentemente houve uma relativa "desconcentração" da indústria em São Paulo, no sentido metrópole-interior.

Os principais investimentos estatais, foram: na área de refino do petróleo e petroquímica (Paulínia e São José dos Campos); implantação do Pró-Álcool (Campinas e Ribeirão Preto); consolidação do parque petroquímico e siderúrgico

(Cubatão); implantação de um complexo aeronáutico e material bélico (Vale do Paraíba); Concentração de institutos de pesquisa e empresas estatais no setor de telecomunicações e microeletrônica, em Campinas.

Em todo esse processo, a região de Sorocaba, apesar de não ter recebido diretamente nenhum grande investimento do Governo Federal, teve um desempenho excelente, principalmente a partir da metade dos anos 70. Iniciaram-se a diversificação e modernização do parque industrial de Sorocaba. Vieram indústrias mais dinâmicas e de alta tecnologia, diversificação esta que foi feita baseada no capital estrangeiro. A secular indústria têxtil começava a ser superada pelas indústrias mecânicas e metalúrgicas. Até 1970, o setor têxtil era responsável por 61,2% do produto industrial do município de Sorocaba. Ao longo dos anos 70, o predomínio passou a ser do setor mecânico.

A partir de 1971, instalaram-se: a MAPOL, empresa fabricante de embalagens de polpa para ovos, de um grupo dinamarquês; a DAFFENER MÁQUINAS GRAFICAS, GENERAL SERVICE, estrutura metálica; MOTO PEÇAS, engrenagens para câmbio e diferencial de caminhões e tratores; NICHELSON KF, ferramentas.

Com relação ao valor da transformação industrial, em 1970 a região de Sorocaba ocupava a 5ª colocação do interior. Os dados de 1970 mostram que a participação da região no número de operários estaduais caiu de 5,26% para 3,76%; o mesmo ocorrendo com a participação regional no VTI estadual, que se reduziu de 3,31% para 2,19%.

Mas foi a partir de 1975, que a região teve um crescimento bastante significativo. A sua participação relativa ao estado no total de estabelecimentos saltou para 5,20%; a participação no número de operários subiu para 4,67% e o valor da transformação industrial passou a ser de 4,08%. No período 1975/80 houve um crescimento real, no número de empregados, de 57,6%. Em 1980, a região passou a empregar 90.532 operários.

No decorrer dos anos 70 e início dos 80, vieram ainda: no ramo mecânico: BENDIX DO BRASIL - DIVISÃO JURID., BSI, CONAL, COOPER TOOLS, HOLLINSWORTH MÁQUINAS TPXTEIS LTDA., JARAGUA, J.I. CASE. No ramo metalúrgico vieram: ARTIJUR KLINK METALDRGICA LTDA, HURT INFER INDUSTRIA DE MÁQUINAS E FERRAMENTAS LTDA., INDEX, ATLAS, KEYSTONE, etc. Destacavam-se ainda as indústrias químicas, de material plástico de papel e papelão, de alimentos e de minerais não metálicos.

No ano de 1980, o interior paulista passou a concentrar 62,7% da indústria estadual de alimentos; 60,4% da química; quase 50% da indústria de minerais não metálicos; 40,3% da têxtil; 1/3 das indústrias de vestuários, calçados e artefatos de tecidos; 36,4% da mecânica; 1/4 da metalúrgica e mais de 1/5 das indústrias de material de transporte e de material elétrico.

O crescimento de Sorocaba, nesse período foi tão intenso que, em termos de produto industrial, a região teve a melhor performance em todo Estado. Sua taxa de crescimento anual foi de 16,4% contra 10,5% que foi a média do Estado. Só o município de Sorocaba cresceu 17,2%.

Em 1980, o setor têxtil setor respondia por 22,5% do seu produto industrial. A seguir vinha a metalúrgica, com 17,1% e somente na terceira colocação, aparecia a indústria têxtil, com 16,4%. Os maiores estabelecimentos industriais, em número de empregados, pertenciam ao setor têxtil, com a Cia Nacional de Estamparia e as Indústrias Têxteis Barbero. Num segundo patamar apareciam a Cia. Fiação e Tecelagem Nossa Senhora do Carmo, a Cia. Fiação e Tecelagem Santa Maria e a Sussex Têxtil. Nos demais segmentos industriais existiam pelo menos dois estabelecimentos com mais de mil pessoas empregadas: a Fábrica de Aço Paulista e a Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida.

Também com destaque apareciam: a Pirelli, no setor de material elétrico; a Heublein-Druryl's, no setor de bebidas; a J.I.Case, na produção de tratores; a Indústria de Mineração Pagliato; a Moto Peças, no setor mecânico; a Daffener

Máquinas Gráficas; a Metalúrgica Albert-Flex e a Roupas Cre-An, no setor de vestuários e artefatos de tecidos.

Em 1985, o município de Sorocaba contava com cerca de 500 empresas, sendo que 20 empregavam mais de 500 funcionários; 80 empregavam entre 100 a 500 e o restante empregando até 100 operários. Dessas empresas, 30 exportavam para vários países da América Latina, EUA, Japão e países da Europa.

Exportar foi a saída que várias empresas encontraram para fugir da crise que o país vivia desde o início dos anos 80. Foi esta a válvula de escape diante da retração do mercado interno.

Há que se destacar também, o impulso que outras cidades da região tiveram nesse processo de crescimento industrial. Não foi somente a cidade de Sorocaba a única beneficiada. É certo que a sua sub-região foi a mais privilegiada, tanto por já ter uma base industrial e urbana desenvolvida anteriormente como por estar mais próxima da região metropolitana. Sem contar com os benefícios que a rodovia Castelo Branco trouxe às cidades próximas.

Na sub-região de Sorocaba destacavam-se, em 1980: Salto, a segunda mais importante, com 13,1% do produto industrial e 10,0% do emprego industrial regional; Votorantim, com indústrias de tecelagem, papel e cal; Mairinque, com a Cia Brasileira de Alumínio (CBA); São Roque, com vinho, aço inoxidável e material de iluminação; Piedade, com indústrias madeireiras; Porto Feliz e Itu, com indústrias cerâmicas; Salto de Pirapora, com cal e cimento. Outras cidades da sub-região de Sorocaba eram basicamente agrícolas: Araçoiaba da Serra; Capela do Alto; Ibiúna, Iperó, Pilar do Sul, Sarapuí e Tapiraí.

CAPÍTULO 3: Avaliação Populacional

Todo esse crescimento econômico e industrial da região produziu efeitos nos fluxos migratórios, no crescimento e na dinâmica populacional não apenas da região mas como de todo o estado.

A Região de Governo de Sorocaba, juntamente com as Regiões de Governo de Avaré, Botucatu, Itapetininga e Itapeva, formam a Região Administrativa (RA) de Sorocaba. Na década de 70, 40% do total populacional da Região Administrativa de Sorocaba estava concentrada na Região de Governo de Sorocaba e, em 1980, essa participação alcançou 45%, chegando a representar 48% da população total em 1991. Enquanto as demais Regiões de Governo, com exceção de Itapetininga, registraram decréscimos em sua participação relativa na população regional, a Região de Governo de Sorocaba permaneceu como centro polarizador da Região Administrativa que, em 1991, chegou a registrar mais de 2 milhões de habitantes, equivalente a 6,4% da população estadual daquela época. Nas últimas décadas, a participação da população da Região de Governo de Sorocaba tem contribuído de forma expressiva no total populacional da Região Administrativa (Tabela 1).

Tabela 1
Evolução da População - RA de Sorocaba nos anos 1970 / 1980 / 1991

Regiões	População			Taxa de crescimento (% a.a.)		Participação na RA (%)		
	1970	1980	1991	70/80	80/91	1970	1980	1991
Estado de São Paulo	17.770.975	25.042.074	31.588.925	1,41	1,26			
Interior	-----	13.361.271	17.281.948	-----	1,29			
RA de Sorocaba	1.140.995	1.510.176	2.002.447	2,84	2,6	100,00	100,00	100,00
RG de Avaré	171.185	188.042	219.613	0,94	1,42	15,00	12,45	10,97
RG de Botucatu	142.078	155.009	198.359	0,87	2,27	12,45	10,26	9,91
RG Itapetininga	171.636	266.335	307.697	2,81	2,83	12,41	14,98	15,37
RG Itapeva	197.722	257.200	303.760	2,66	1,52	17,33	17,03	15,17
RG Sorocaba	458.374	683.590	973.018	4,08	3,26	40,71	45,27	48,59

Fonte: FIBGE. Censo Demográfico de 1970/80; Censo Demográfico de 1991.

De fato, esta Região de Governo tem apresentado taxas de crescimento populacional superior às verificadas para a Região Administrativa em seu conjunto desde a década de 70. Nas décadas 1970/80, a taxa média de crescimento da população da Região Administrativa de Sorocaba foi de 2,84% a.a. e a da Região de Governo de Sorocaba de 4,08% a.a.. No decênio seguinte (1980/91), enquanto a primeira registrou uma taxa de 2,6% a.a., a segunda apresentou uma das taxas mais elevadas do Estado: 3,26% a.a.

É interessante destacar que a década de 80 trouxe algumas mudanças no que diz respeito ao crescimento populacional nas RGs que compõem esta RA. Mesmo com o decréscimo na participação relativa de grande parte das RGs no total populacional da RA de Sorocaba, as taxas de crescimento populacional elevaram-se nos casos das RGs de Avaré, Botucatu e Itapetininga, sendo que foram decrescentes para as Regiões de Governo de Itapeva e Sorocaba.

Na Tabela 2 abaixo, pode-se acompanhar a evolução da população da RG de Sorocaba entre 1940 e 1991, que passou de 218.258 habitantes, no início do período, para 973.018 habitantes ao término deste período. Na década de 80, verifica-se, inclusive, um aumento da participação relativa dessa RG no total da população estadual. O menor ritmo de crescimento populacional registrado para a Região Metropolitana de São Paulo no período 1980/91 ajudou no aumento do peso relativo das demais regiões, particularmente aquelas com economias mais dinâmicas.

Tabela 2
Evolução da População Total - Estado de São Paulo e RG de Sorocaba
1940 / 1991

Anos	Estado de São Paulo	RG Sorocaba	Região / Estado (%)
1940	7.180.316	218.258	3,04
1950	9.134.423	258.363	2,83
1960	12.829.806	347.531	2,71
1970	17.771.948	458.374	2,58
1980	25.040.712	683.590	2,73
1991	31.191.970	973.018	3,12

Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos do Estado de São Paulo de 1940 a 1991

Dentre os municípios que compõem a RG de Sorocaba, a participação relativa do Município-sede, a cidade de Sorocaba, diminuiu ligeiramente na última década (Tabela 3). De 1970 para 1980 observou-se um acréscimo no peso relativo do Município de Sorocaba no total regional (38,3% para 39,5%, respectivamente); porém, já em 1991, verifica-se que esta participação passou a ser de 38,8% do total. Esta redução pode estar relacionada ao aumento relativo da participação populacional dos municípios de Votorantim, que representava 5,9% da população regional, em 1970, passando para 8,3% em 1991; Salto (4,7% em 1970 e 7,4% em 1991); Itu (10,7% e 11,0%, respectivamente); e Mairinque (4,1% em 1970 e 4,6% em 1991).

As taxas de crescimento populacional dos municípios acima citados, no período 1980/91, foram superiores à taxa média da Região de Governo, entretanto, bem menores que as registradas no período 1970/80. De fato, os municípios menores foram os que demonstraram maiores taxas de crescimento populacional segundo o Censo de 1991. Além disso, a tendência atual aponta para uma descentralização da população do Município-sede e taxas mais elevadas nas cidades vizinhas. Enquanto que para o Município-sede se observou uma taxa de 3,1% a.a., no período 1980/91, Votorantim, Salto de Pirapora, Salto, Itu e Araçoiaba da Serra registraram taxas superiores a 4% a.a., indicando um novo processo de redistribuição da população no âmbito regional.

Tabela 3
População Total e Taxas de Crescimento por Municípios
Região de Governo de Sorocaba 1970/1980/1991

	População Municípios			Taxa de Crescimento (% a.a.)		Participação Relativa (%)		
	1970	1980	1991	1970/80	1980/91	1970	1980	1991
RG Sorocaba	458.374	683.590	973.018	4,08	3,26	100,00	100,00	100,00
Araçoiaba da Serra	6.557	8.540	14.547	2,68	4,96	1,43	1,25	1,50
Ibiúna	24.391	31.829	44.732	2,7	3,14	5,32	4,66	4,60
Iperó	6.439	6.606	10.553	0,26	4,35	1,40	0,97	1,08
Itu	49.091	74.204	106.872	4,22	3,37	10,71	10,86	10,98
Mairinque	18.858	30.831	44.743	5,04	3,44	4,11	4,51	4,60
Piedade	27.640	35.898	43.495	2,65	1,76	6,03	5,25	4,47
Pilar do Sul	10.265	13.844	19.494	3,04	3,16	2,24	2,03	2,00
Porto Feliz	22.152	27.123	36.834	2,05	2,82	4,83	3,97	3,79
Salto	21.772	42.376	72.115	6,89	4,95	4,75	6,20	7,41
Salto de Pirapora	9.001	14.686	25.340	5,02	5,08	1,96	2,15	2,60
São Roque	37.049	49.539	63.153	2,95	2,23	8,08	7,25	6,49
Sorocaba	175.677	269.830	377.270	4,38	3,09	38,33	39,47	38,77
Tapiraí	5.267	5.104	5.744	-0,31	1,08	1,15	0,75	0,59
Tietê	17.283	20.033	26.458	1,49	2,56	3,77	2,93	2,72
Votorantim	26.932	53.147	81.668	7,03	3,98	5,88	7,77	9,39

Fonte: FIBGE. Censo Demográficos 1970, 1980 e 1991.

3.1 Movimentos Migratórios

A Região de Governo de Sorocaba teve um crescimento absoluto de 225.216 pessoas no período 1970/80, dos quais 52% deveu-se ao componente migratório (Tabela 5).

Dentre os municípios que compõem a RG, o maior saldo migratório nesse período foi registrado pelo Município de Sorocaba (mais de 50 mil pessoas), representando 46% do saldo migratório regional. Seguiram-se os municípios de Votorantim com saldo migratório superior a 18 mil pessoas, Salto (15 mil), Itu (14 mil) e Mairinque (7 mil). Apenas Tapiraí e Iperó chegaram a revelar saldo migratório negativo na década de 70.

Tabela 4**Evolução da População Total por Município segundo os seus Componentes.****RG Sorocaba 1970 / 1980**

Municípios	Crescimento Absoluto	Saldo Vegetativo	Saldo Migratório
RG. de Sorocaba	225.216	108.631	116.585
Araçoiaba da Serra	1.983	1.843	140
Ibiúna	7.438	7.397	41
Iperó	167	638	-471
Itu	25.113	10.592	14.521
Mairinque	11.973	4.941	7.032
Piedade	8.258	7.602	656
Pilar do Sul	3.579	3.019	560
Porto Feliz	4.971	4.082	889
Salto	20.604	5.461	15.143
Salto de Pirapora	5.685	2.494	3.191
São Roque	12.490	8.751	3.739
Sorocaba	94.153	40.331	53.822
Tapiraí	-163	1.222	-1.385
Tietê	2.750	2.315	435
Votorantim	26.215	7.943	18.272

Fonte: Fundação SEADE. Arquivo Demográfico; Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1970 e 1980.

A Região de Governo de Sorocaba recebeu mais de 154 mil migrantes nos anos 70, dos quais 62% provenientes do próprio Estado de São Paulo. Dentre os fluxos interestaduais, o Estado do Paraná respondeu por 25% do total (Tabela 5).

No contexto intra-estadual, os fluxos migratórios com origem na Grande São Paulo em direção à Região de Sorocaba representaram 39% do total da migração estadual recebida, representando mais de 34 mil pessoas. Seguindo os fluxos migratórios procedentes das regiões vizinhas como Itapetininga (cerca de 9 mil pessoas), Itapeva e Avaré (mais de 6 mil pessoas, cada área) e Botucatu e Campinas (com aproximadamente 4 mil pessoas, cada uma dessas áreas). Em terceiro lugar, os fluxos com origem nas regiões do oeste do Estado, como Presidente Prudente, Ourinhos e Assis.

Tabela 5
Fluxos Migratórios Interestaduais e Intra-estadual Numericamente
mais Importantes Segundo a Origem dos Imigrantes.
RG Sorocaba 1970 / 1980

Origem dos Imigrantes	Totais	%
Total Geral	237.438	100,00
Total do Estado	90.523	100,00
R.M. São Paulo	34.902	38,56
Itapetininga	8.377	9,25
Itapeva	6.266	6,92
Avaré	5.690	6,29
Botucatu	3.735	4,13
Campinas	3.796	4,19
Ourinhos	3.647	4,03
Pres. Prudente	3.753	4,15
Assis	2.852	3,15
Outras Regiões	17.505	19,34
Outros Estados	146.915	100,00
Paraná	37.005	25,19

Fonte: FSEADE. Informe Demográfico, 23. FIBGE. Censo Demográfico de 1980.

Embora tenha recebido volume considerável de migrantes, a RG de Sorocaba registrou também um fluxo emigratório de aproximadamente 50 mil pessoas. Um fato curioso é que a direção deste fluxo foi bastante semelhante ao fluxo imigratório acima apontado. A Região Metropolitana de São Paulo recebeu cerca de 45,2% das pessoas que deixaram a RG de Sorocaba na década de 70. Os demais fluxos emigratórios, em menor volume, destinaram-se à Campinas, Itapetininga, Piracicaba e Itapeva.

A mobilidade espacial da população no contexto intra-regional foi bastante elevada em Sorocaba na década de 70; cerca de 34.198 mil pessoas declararam ter mudado de município de residência, pelo menos uma vez, na década (Tabela 6).

Os fluxos intra-regionais mais significativos ocorreram em direção à cidade de Sorocaba que recebeu, na sua maioria, migrantes de Votorantim, Mairinque e Piedade. Votorantim, por sua vez, teve na sua migração intra-regional forte participação de migrantes com origem em Sorocaba, cerca de 75% desse

movimento migratório. Municípios como Sorocaba, Votorantim, Itu e Salto apresentaram na década de 70, ganhos populacionais em suas trocas líquidas migratórias.

Votorantim se tornou nos anos 70 um importante subcentro regional, chegando a registrar volume migratório intra-regional ligeiramente superior a Sorocaba: 7.390 migrantes e 7.181, respectivamente.

Tabela 6
Fluxos Migratórios Intra-regionais Numericamente mais Importantes
Região de Governo de Sorocaba 1970 / 1980

Destino	Origem	Valor Absoluto	%
Mairinque	São Roque	1.594	58,78
	Sorocaba	626	23,06
	Outros Municípios	492	18,16
	Total	2.712	100,00
Iperó	Mairinque	46	8,89
	Sorocaba	354	69,15
	Outros Municípios	112	21,96
	Total	512	100,00
Sorocaba	Mairinque	712	9,92
	Piedade	740	10,31
	Votorantim	1.239	17,26
	Outros Municípios	4.490	62,52
	Total	7.181	100,00
Votorantim	Piedade	722	9,77
	Sorocaba	5.599	75,77
	Outros Municípios	1.069	14,46
	Total	7.390	100,00
Outros Municípios		16.403	47,96
TOTAL		34.198	100,00

FONTE: Fundação IBGE. Tabulações Especiais do Censo Demográfico do Estado de São Paulo de 1980. Fundação SEADE, 1991.

Com este crescimento acelerado, verifica-se a existência de um déficit habitacional na região. Os municípios de Itu e Sorocaba apresentavam na época um déficit de 10.000 e 12.000 habitações, respectivamente, seguidos por Mairinque (6.000) e Votorantim (5.000). Conseqüentemente, observa-se um

número considerável de barracos –cerca de 4.091 e de loteamentos clandestinos (Souza, M.R. Textos NEPO 24 - Migração em São Paulo Região de Governo de Sorocaba, Fev/1993). Tal comportamento populacional pode estar indicando, também, os reflexos da crise econômica do País que se acirrou em meados da década de 80, fazendo com que houvesse uma perda considerável do poder aquisitivo da população. Dessa forma, não coube a população de baixa renda outro lugar para morar senão nas periferias das cidades.

3.2 Avaliação Populacional Recente

Através dos dados do último censo demográfico realizado em 2000, foi possível analisar o ritmo de crescimento populacional na década de 90. Verificamos que, tanto a Região Administrativa quanto a Região de Governo de Sorocaba cresceram mais do que o restante do estado. Enquanto que para o estado foi registrado um crescimento populacional de 17,62%, no período de 1991 a 2000, a RA de Sorocaba cresceu 22,83% e a RG de Sorocaba cresceu 28,44% (Tabela 1).

O estudo das pirâmides etárias (em anexo) mostra que, além do crescimento populacional na década de 90, a população da RA, RG e município de Sorocaba sofreu um envelhecimento, ou seja, a população idosa aumentou relativamente à população jovem. Esse fato já era esperado, pois acompanha a tendência nacional de envelhecimento populacional. Outra tendência brasileira acompanhada pela região de Sorocaba é a do aumento da esperança de vida ao nascer. No mesmo período, de acordo com a Tabela 1 abaixo, o estado de São Paulo aumentou a esperança de vida em 2,13 anos, enquanto que a RA de Sorocaba aumentou em 2,81 anos e a RG em 2,69 anos, se aproximando da esperança de vida verificada para o estado e sinalizando uma melhoria na qualidade de vida da população dessas regiões, fato que será analisado mais

adiante.

Tabela 1
Crescimento Populacional e Esperança de Vida ao Nascer
entre 1991 - 2000

	1991	2000	Varição
População			
Estado de São Paulo	31.436.273	36.974.378	17,62%
RA de Sorocaba	2.005.788	2.463.754	22,83%
RG de Sorocaba	971.434	1.247.741	28,44%
Esperança de Vida ao Nascer (em anos)			
Estado de São Paulo	68,85	70,98	2,13
RA de Sorocaba	67,91	70,72	2,81
RG de Sorocaba	68,2	70,89	2,69

Fonte: SEADE; Censo Demográfico 1991 e 2000

A tabela abaixo mostra que a população cidade de Sorocaba, a mais populosa da região, cresceu 30,74% entre 1991 e 2000, puxando o crescimento de sua região de governo de da região administrativa. A seguir, verifica-se o crescimento de outra região muito populosa, a RG de Itapetininga que cresceu 26,62%. Por outro lado, a RG de Itapeva, a terceira maior da RA de Sorocaba, apresentou um crescimento bem abaixo da média, 8,43%.

Tabela 2
População - Regiões de Governo e Municípios Sedes da Região
Administrativa de Sorocaba

RG e Município Sede	1991	2000	Crescimento (%)
RG de Sorocaba	971.434	1.247.741	28,44
Sorocaba	376.513	492.245	30,74
RG de Itapetininga	307.025	388.741	26,62
Itapetininga	101.455	125.314	23,52
RG de Botucatu	203.866	242.838	19,12
Botucatu	90.174	108.124	19,91
RG de Avaré	219.274	254.588	16,10
Avaré	60.833	76.312	25,45
RG de Itapeva	304.189	329.846	8,43
Itapeva	73.342	82.773	12,86

Fonte: SEADE

Assim, cabe agora verificar o peso da migração no crescimento populacional. Com a tendência mundial de queda da natalidade, é possível que grande parte deste crescimento populacional acima explicitado pode ser decorrente de um fluxo migratório mais intenso. Na Tabela 3 abaixo, podemos notar que as cidades da região que apresentaram maiores crescimentos populacionais no período são as mesmas que receberam relativamente mais migrantes. Esse é caso da RG de Sorocaba, onde 48,81% do crescimento populacional verificado no período 1991 a 2000 ocorreu devido aos migrantes, e da RG de Itapetininga, com 46,73% de migrantes e das cidades de Sorocaba e de Avaré, com 54,89% e 54,48% de participação dos migrantes, respectivamente.

Este dado reflete o movimento recente de desconcentração populacional dos grandes centros urbanos. Em busca de uma melhor qualidade de vida, muitas pessoas estão se mudando para cidades próximas aos grandes centros que combinem um bom nível de vida cultural e urbana com a tranquilidade de uma cidade do interior, como é o caso de Sorocaba.

Tabela 3
Saldo Migratório e Participação dos Migrantes no Crescimento da
População (de 1991 a 2000)

Estado, Região, Município	Total de Migrantes	Participação (%)
Total do Estado de São Paulo	1.326.987	23,96
Total do Interior	1.107.396	33,42
Região Administrativa de Sorocaba	176.868	38,62
Região de Governo de Avaré	9.054	25,64
Região de Governo de Botucatu	14.472	37,13
Região de Governo de Itapetininga	38.187	46,73
Região de Governo de Itapeva	-19.710	-76,82
Região de Governo de Sorocaba	134.865	48,81
Avaré	8.433	54,48
Botucatu	7.398	41,21
Itapetininga	8.640	10,57
Itapeva	-1.179	-12,50
Sorocaba	63.522	54,89

Fonte: SEADE

O crescimento populacional acelerado pode trazer para uma cidade problemas típicos de uma expansão desorganizada como o surgimento de favelas nas periferias, a sobrecarga dos serviços públicos de transporte, saúde e educação, dentre outros e o aumento da violência e do desemprego. Conforme analisado nas tabelas acima, a região de Sorocaba passou por um intenso crescimento populacional, acima da média do estado. Entretanto, podemos notar através da Tabela 4 que as condições de vida da população dessa região não se deteriorou como se era esperado. As taxas de mortalidade apresentaram números, em geral, melhores ou iguais aos do estado.

A taxa de mortalidade geral do estado cresceu no período de 1991 até 2000 enquanto que, para a RA e a RG de Sorocaba, esta taxa foi negativa. Notamos que o crescimento do estado foi puxado pela elevação da taxa de mortalidade por agressões (46%), que consiste no quociente entre os óbitos por homicídio ocorridos em uma determinada unidade geográfica e período de tempo e a população da mesma unidade estimada ao meio do período. O principal fator para o comportamento deste índice é o aumento da violência em todo território nacional durante a década de 90, principalmente nos grandes centros urbanos.

Por outro lado, a forte redução relativa da taxa de mortalidade infantil (37,3%) – que consiste na relação entre os óbitos de menores de um ano de residentes numa unidade geográfica, num determinado período de tempo (geralmente um ano) e os nascidos vivos da mesma unidade nesse período – e da taxa de mortalidade por acidentes de transporte (-30,9%) – que relaciona os óbitos por acidente de transportes ocorridos em uma determinada unidade geográfica e período de tempo e a população da mesma unidade estimada ao meio do período – evitou uma elevação maior da mortalidade geral. Os grandes determinantes para a queda destes índices são a melhoria do sistema público de saúde e a disseminação de radares eletrônicos de controle de velocidade nos centros urbanos durante o período em questão.

A RA e a RG de Sorocaba apresentaram taxas de mortalidade geral negativas, -0,2% e -1,4% respectivamente. Os índices que puxaram esta queda foram, principalmente, a forte queda na taxa de mortalidade materna – que relaciona os óbitos por complicações da gravidez, do parto ou devidos à doenças pré-existentes agravadas pelo estado de gravidez de mulheres residentes em uma determinada unidade geográfica, ocorridos num determinado período de tempo, e os nascidos vivos na mesma unidade e período – e da taxa de mortalidade infantil. A taxa mortalidade materna para o período de 1991 e 2000 indicou uma variação relativa de -47,8% para a RA de Sorocaba e -45,1% para a RG. Já a taxa de mortalidade infantil variou -40,1% para a RA e -38,7% para a RG. Além da melhoria no sistema de saúde desta região, podemos destacar a maior atenção dedicada às gestantes, com o acompanhamento pré e pós natal apropriado, reduzindo a mortalidade materna.

Enquanto isso, a taxa de mortalidade por agressão apresentou índices elevados, mas abaixo do total do Estado. O aumento relativo de 24,7% para a RA de Sorocaba e de 34,6% para a RG já eram, de certa forma, esperados. Com a crise econômica da década de 90 e o grande fluxo migratório verificado para esta região, o aumento do desemprego e da violência seriam conseqüências praticamente inevitáveis.

No setor educacional, verificou-se em todo o Estado uma grande redução relativa da taxa de analfabetismo (-34,6%), que considera como analfabetas as pessoas maiores de 15 anos que declararam não serem capazes de ler e escrever um bilhete simples ou que apenas assinam o próprio nome, incluindo as que aprenderam a ler e escrever, mas esqueceram. Este é o reflexo do maior investimento do Governo Federal em políticas sociais focalizadas na educação como o Bolsa Escola.

Seguindo a tendência do Estado, a taxa de analfabetismo caiu drasticamente tanto para a RA (-36,5%) como para a RG de Sorocaba (-35,8%), refletindo um grande avanço nesta área.

Tabela 4

Taxas de Mortalidade e Educação para o Estado de São Paulo, RA e RG de Sorocaba nos anos de 1991 e 2000

Taxa de Mortalidade	Estado de São Paulo			RA de Sorocaba			RG de Sorocaba		
	1991	2000	Variação Relativa (%)	1991	2000	Variação Relativa (%)	1991	2000	Variação Relativa (%)
Geral (Por mil habitantes)	6,3	6,4	2,7	6,7	6,6	-0,2	6,4	6,3	-1,4
Materna (Por cem mil nascidos vivos)	48,9	41,5	-15,2	59,9	31,3	-47,8	45,8	25,2	-45,1
Causas Externas (Por cem mil habitantes)	81,6	90,6	11,1	64,2	67,8	5,6	67,1	70,4	4,8
Agressões (Por cem mil habitantes)	28,8	42,0	46,0	12,7	15,8	24,7	13,7	18,4	34,6
Acidentes de transportes (Por cem mil habitantes)	22,5	15,6	-30,9	21,3	17,3	-18,6	22,3	13,6	-39,0
Infantil (Por mil nascidos vivos)	27,1	17,0	-37,3	31,6	19,0	-40,1	27,8	17,0	-38,7
Educação									
Taxa de Analfabetismo da População de 15 anos e mais (Em%)	10,2	6,6	-34,6	12,8	8,1	-36,5	10,6	6,8	-35,8

Fonte: SEADE

CAPÍTULO 4. Avaliação do Valor Adicionado Fiscal

O Valor Adicionado Fiscal, utilizado nesta avaliação da economia da região administrativa de Sorocaba, é calculado pela Secretaria da Fazenda, e é utilizado como um dos critérios para a definição do Índice de Participação dos Municípios na receita do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS. Ele é obtido, para cada município, através da diferença entre o valor das saídas de mercadorias e dos serviços de transporte e de comunicação prestados no seu território, e o valor das entradas de mercadorias e dos serviços de transporte e de comunicação adquiridos, em cada ano civil.

De acordo com os dados do PAEP (Pesquisa da Atividade Econômica Paulista), para o ano de 2001, a região administrativa de Sorocaba tem a terceira economia do interior do estado de São Paulo. Para análise do valor adicionado das regiões administrativas paulistas optou-se por excluir a região metropolitana de São Paulo, uma vez que a metrópole representa mais de 50% do valor adicionado, gerado em todo o estado, para o comércio e a indústria e 70% do valor adicionado gerado no terciário (serviços). Dessa forma, ao considerarmos apenas as regiões administrativas do interior do estado, a análise fica menos distorcida.

Desconsiderando a metrópole de São Paulo, temos que a principal economia do interior do estado é a da RA de Campinas, seguida pela RA de São José dos Campos e, então, a RA de Sorocaba. A indústria é o setor condutor da economia da RA de Sorocaba e representa 8,8% do valor adicionado do interior, ou 4,1% do total do estado. Sua principal atividade industrial é a metalúrgica básica (PAEP – 2001), seguida de fabricação de alimentos e bebidas e de máquinas e equipamentos. As três atividades juntas representam 40% do valor adicionado da indústria de Sorocaba.

Como já era de se esperar, a RA de Campinas tem a indústria mais forte do interior, com 41,5% do valor adicionado. Suas principais atividades são: fabricação

e refinaria de petróleo e álcool, fabricação de alimentos e bebidas e de produtos químicos. Em segundo lugar está a RA de São José dos Campos, com 22,8% do valor adicionado do interior, sendo suas principais atividades a fabricação de outros equipamentos de transporte – destaque para a Embraer – e a fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias. Nessas duas regiões também se encontram as principais refinarias do Estado (em Paulínia e São José dos Campos), que tiveram ganhos associados ao aumento dos preços dos derivados de petróleo, no final do século XX. Para o grupo dessas três regiões administrativas destacadas, o comércio está em segundo plano na condução de suas economias, sendo que para a RA de Sorocaba, o comércio da região é responsável por 8,6% do valor adicionado do interior.

Durante a década de 90, enquanto a Região Metropolitana de São Paulo perdeu participação relativa na produção estadual, as regiões administrativas vizinhas à metrópole ganharam participação. Essa redistribuição industrial deve-se ao fraco desempenho econômico nacional, que provocou a queda da renda e do consumo da população, comprometendo o desempenho da indústria metropolitana, mais voltada para o mercado interno. Por outro lado, as principais regiões administrativas do interior, com produção destinada também à exportação, não sentiram o reflexo da crise com tamanha intensidade. As regiões de Campinas, São José dos Campos e Santos aumentaram suas participações na indústria estadual, no entanto, a RA de Sorocaba acompanhou o desempenho negativo da RMSP, por também ser voltada ao mercado interno.

Outro fator importante para a redistribuição regional encontra-se na elevação, entre 1996 e 2001, dos preços dos derivados de petróleo, que fazem com que esta indústria seja a quarta no valor adicionado estadual, já que as principais refinarias de petróleo do Estado se localizam em São José dos Campos, em Paulínia (na Região de Campinas) e em Cubatão (na Região de Santos). Pesam ainda no aumento da participação dessas regiões, a produção de açúcar na região de Campinas e a indústria aeronáutica da região de São José dos Campos,

ambas voltadas principalmente à exportação e que não sofrem grandes influências da queda da renda nacional.

CEDOC/IE

Tabela 1

Valor Adicionado Fiscal para os grupos de setores - Estado de São Paulo, Interior e Regiões Administrativas (2001)									
Estado, Interior e Regiões Administrativas	Comércio			Indústria			Serviços		
	Valor Adicionado (R\$)			Valor Adicionado (R\$)			Valor Adicionado (R\$)		
	Nº Abs.	% para total estado	% para total interior	Nº Abs.	% para total estado	% para total interior	Nº Abs.	% para total estado	% para total interior
Total - Estado	22.875.370.116	100,0		127.337.467.167	100,0		98.435.874.192	100,0	
Região Metropolitana de São Paulo - RMSP	13.123.581.409	57,4		67.097.043.689	52,7		69.732.950.591	70,8	
Município de São Paulo	9.648.020.446	42,2		36.369.052.169	28,6		52.220.450.578	53,1	
Região do ABC (1)	599.608.065	2,6		15.250.247.603	12,0		5.669.251.316	5,8	
Demais Municípios da RMSP	2.875.952.898	12,6		15.477.743.917	12,2		11.843.248.697	12,0	
Total - Interior	9.751.788.706	42,6	100,0	60.240.423.476	47,3	100,0	28.702.923.601	29,2	100,0
Litoral	834.557.778	3,6	8,6	3.701.240.575	3,0	6,1	2.977.266.249	3,0	10,4
RA de Registro	144.607.720	0,6	1,5	68.417.232	0,1	0,1	79.372.650	0,1	0,3
Região Metropolitana da Baixada Santista	689.950.058	3,0	7,1	3.632.823.343	2,9	6,0	2.897.893.599	2,9	10,1
RA de São José dos Campos	883.805.888	3,9	9,1	13.726.999.177	10,8	22,8	2.959.710.927	3,0	10,3
RA de Sorocaba	843.300.190	3,7	8,6	5.271.778.477	4,1	8,8	2.800.855.280	2,8	9,8
RA de Campinas	3.889.018.043	17,0	39,9	24.978.703.960	19,6	41,5	10.650.723.738	10,8	37,1
Região Metropolitana de Campinas	1.725.567.688	7,5	17,7	14.355.622.734	11,3	23,8	6.002.426.243	6,1	20,9
Demais Municípios da RA de Campinas	2.163.450.355	9,5	22,2	10.623.081.227	8,3	17,6	4.648.297.495	4,7	16,2
Região Norte	1.772.856.291	7,8	18,2	7.962.684.578	6,1	13,2	5.555.859.417	5,6	19,4
RA de Ribeirão Preto	584.533.771	2,6	6,0	2.594.411.846	2,0	4,3	1.743.353.359	1,8	6,1
RA de São José do Rio Preto	355.200.737	1,6	3,6	1.305.610.961	1,0	2,2	1.127.519.980	1,1	3,9
RA Central	187.127.442	0,8	1,9	2.095.815.713	1,6	3,5	1.562.343.498	1,6	5,4
RA de Barretos	115.489.660	0,5	1,2	906.372.391	0,7	1,5	199.569.155	0,2	0,7
RA de Franca	530.504.681	2,3	5,4	1.060.473.667	0,8	1,8	923.073.425	0,9	3,2
Região Oeste	1.528.250.516	6,7	15,7	4.599.016.709	3,6	7,6	3.758.507.990	3,8	13,1
RA de Bauru	431.459.211	1,9	4,4	2.151.283.942	1,7	3,6	1.223.264.718	1,2	4,3
RA de Araçatuba	213.227.043	0,9	2,2	751.087.355	0,6	1,2	938.394.185	1,0	3,3
RA de Presidente Prudente	376.296.313	1,6	3,9	531.703.758	0,4	0,9	724.961.052	0,7	2,5
RA de Marília	507.267.948	2,2	5,2	1.164.941.654	0,9	1,9	871.888.035	0,9	3,0

Fonte: Fundação Seade. Pesquisa da Atividade Econômica Paulista - Paep 2001.

(1) Compreende os municípios de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Tabela 2

Valor Adicionado Fiscal por setores de atividade industrial - Regiões Administrativas de São José dos Campos, Campinas e Sorocaba (2001)

Setores Industriais	RA São José dos Campos		RA Campinas		RA Sorocaba	
	Valor Adicionado (R\$)		Valor Adicionado (R\$)		Valor Adicionado (R\$)	
	Nº Abs	%	Nº Abs	%	Nº Abs	%
Total	13.726.999.177	100,0	24.978.703.960	100,0	5.271.778.477	100,0
Indústria Extrativa	31.218.911	0,2	111.344.049	0,4	31.601.527	0,6
Fab. de Alimentos e Bebidas	1.425.729.604	10,4	3.658.441.206	14,6	660.326.649	12,5
Fab. de Produtos Têxteis	139.139.429	1,0	1.342.999.908	5,4	252.041.172	4,8
Confec. de Vestuários e Acessórios	16.114.499	0,1	208.073.905	0,8	90.969.969	1,7
Prepar. e Confec. de Artef. de Couro	-	-	60.223.735	0,2	5.531.192	0,1
Fab. de Celulose e Papel	284.712.248	2,1	1.934.130.558	7,7	195.648.222	3,7
Edição, Impressão, Reprod. de Grav.	29.016.036	0,2	179.682.123	0,7	77.698.321	1,5
Fab. e Ref. Petróleo, Álcool	-	-	3.935.801.180	15,8	12.876.890	0,2
Fab. de Produtos Químicos	1.437.074.571	10,5	3.251.709.038	13,0	436.195.346	8,3
Fab. de Artigos de Borracha e Plásticos	182.484.752	1,3	1.085.528.855	4,3	318.060.437	6,0
Fab. Prod. Minerais Não-Metálicos	375.971.676	2,7	791.616.733	3,2	338.432.956	6,4
Metalurgia Básica	812.963.496	5,9	217.184.327	0,9	878.335.347	16,7
Fab. Prod. Metal (Excl. Máq. e Eq.)	426.307.479	3,1	936.196.822	3,7	196.455.910	3,7
Fab. de Máquinas e Equipamentos	148.035.340	1,1	1.764.651.334	7,1	575.641.475	10,9
Fab. de Máq. Escritório e Equipamentos de Informática	82.971.356	0,6	86.195.902	0,3	-	-
Fab. de Máq., Ap. e Mat. Elétrico	226.909.293	1,7	1.160.319.657	4,6	266.508.334	5,1
Fab. Mat. Eletrônico e Aparelhos e Equipamentos de Comunicações	334.494.019	2,4	1.483.592.841	5,9	133.370.197	2,5
Fab. Equip. Méd. Ótica e Relógios, Instr. Precisão, Automação Industrial	11.285.317	0,1	201.106.195	0,8	69.411.649	1,3
Fab. e Montagem de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	2.240.280.346	16,3	2.004.330.025	8,0	304.394.530	5,8
Fab. Outros Equip. de Transp.	3.546.193.688	25,8	43.556.685	0,2	49.916.573	0,9
Outras Indústrias	1.976.097.118	14,4	522.018.885	2,1	378.361.783	7,2

Fonte: Fundação Seade. Pesquisa da Atividade Econômica Paulista - Paep 2001.

Tabela 3
Valor Adicionado Fiscal - Região Administrativa de Sorocaba

Nome do Grupo	Nome do Setor	1980		1991		1998	
		VA	%	VA	%	VA	%
Agropecuária	Contribuintes Cadastrados	3.204.362.674	100,00	4.059.027.635	99,05	778.795.018	93,24
Agropecuária	Contribuintes Não Cadastrados	-	0,00	38.842.318	0,95	56.444.235	6,76
Agropecuária	Total	3.204.362.674	13,13	4.097.869.953	10,75	835.239.253	4,48
Comércio	Comércio Varejista	2.527.878.169	74,10	3.315.493.902	72,11	2.437.392.637	63,83
Comércio	Comércio Atacadista	883.537.613	25,90	1.282.130.843	27,89	1.381.098.897	36,17
Comércio	Total	3.411.415.781	13,98	4.597.624.746	12,06	3.818.491.533	20,49
Indústria	Material de Transporte	623.281.865	3,57	2.248.781.373	9,78	1.138.608.795	9,93
Indústria	Metalúrgica	2.624.533.004	15,02	1.456.276.363	6,33	1.100.519.371	9,60
Indústria	Material Elétrico e de Comunicações	1.020.561.643	5,84	2.739.719.560	11,91	1.137.666.053	9,92
Indústria	Produtos Químicos	926.221.515	5,30	1.322.665.412	5,75	885.399.396	7,72
Indústria	Produtos Alimentícios	572.576.221	3,28	1.684.079.293	7,32	1.228.987.621	10,72
Indústria	Produtos Têxteis	1.906.109.919	10,91	1.782.029.960	7,75	419.003.031	3,65
Indústria	Produtos Farmacêuticos, Médicos e Perfumaria	2.533.907	0,01	331.647.286	1,44	112.666.451	0,98
Indústria	Produtos Minerais Não-Metálicos e Cimento	2.735.719.789	15,66	2.340.191.161	10,17	1.167.826.256	10,18
Indústria	Papel e Papelão	1.125.298.763	6,44	1.110.126.120	4,83	241.569.028	2,11
Indústria	Produtos Mecânicos	1.575.627.392	9,02	1.981.338.543	8,61	1.032.582.837	9,01
Indústria	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	832.198.955	4,76	1.189.659.920	5,17	293.002.159	2,56
Indústria	Material Plástico	293.509.050	1,68	705.284.787	3,07	543.370.514	4,74
Indústria	Produtos de Borracha	59.310.102	0,34	381.277.046	1,66	137.776.685	1,20
Indústria	Bebidas, Líquidos Alcoólicos e Vinagre	1.088.531.155	6,23	1.252.716.069	5,45	694.090.249	6,05
Indústria	Mobiliários	120.418.347	0,69	120.683.209	0,52	110.637.046	0,96
Indústria	Editorial e Gráfica	30.848.181	0,18	164.444.005	0,71	87.992.660	0,77
Indústria	Diversos (I e III)	27.800.095	0,16	57.875.114	0,25	36.475.947	0,32
Indústria	Diversos (II)	77.779.620	0,45	85.940.058	0,37	62.061.024	0,54
Indústria	Artigos e Artefatos de Madeira	1.222.336.846	7,00	1.224.862.274	5,32	457.995.831	3,99
Indústria	Produtos do Reino Vegetal-In Natura	401.350.404	2,30	228.272.390	0,99	131.589.927	1,15
Indústria	Produtos do Reino Animal-In Natura-Frigoríficos	34.081.509	0,20	113.216.164	0,49	231.533.382	2,02
Indústria	Fumo e Produtos Derivados	-	-	-	-	-	-
Indústria	Pedra e Outros Materiais de Construção	13.543.523	0,08	22.529.104	0,10	9.350.014	0,08
Indústria	Couros, Peles e Produtos Similares	46.391.635	0,27	43.614.031	0,19	6.590.661	0,06
Indústria	Outras Indústrias	15.450.747	0,09	36.769.438	0,16	14.438.633	0,13
Indústria	Indústria Extrativa	96.252.452	0,55	380.323.965	1,65	184.793.210	1,61
Indústria	Total	17.472.266.438	71,61	23.004.322.647	60,33	11.466.526.781	61,54
Outras	Outras Atividades	231.542.122	74,64	0	0,00	179.575.211	86,16
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam (Item 33)	59.988.599	19,34	2.634.645.605	86,30	26.941.650	12,93
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam Verso	18.669.244	6,02	26.600.508	0,87	-	-
Outras	Total	310.199.965	1,27	3.052.949.893	8,01	208.422.416	1,12
Serviços	Serviço de Transporte	-	-	1.722.458.207	50,97	641.719.258	27,86
Serviços	Serviço de Comunicação	-	-	-	-	-	-
Serviços	Geração e Distribuição de Eletricidade	-	-	1.656.928.577	49,03	-	-
Serviços	Total	-	-	3.379.386.784	8,86	2.303.688.110	12,36
Total	Total	24.398.244.859	100,00	38.132.154.023	100,00	18.632.368.094	100,00

Fonte: SEADE 2001

Valores corrigidos pelo índice de correção IGP-DI (FGV) - valores em R\$/2004

A Tabela 3, acima, comprova a perda de participação da economia sorocabana na produção estadual. Em 1980, a região administrativa gerava mais de R\$ 24 bilhões em valor adicionado (em Reais / 2004) e, durante toda a década cresceu 56%, alcançando a cifra de R\$ 38 bilhões em 1991. Já na década seguinte, houve uma queda de 51% na produção, gerando um total de R\$ 18,6 bilhões em 1998.

Analisando cada setor, a agropecuária registrou uma perda constante de produção durante as duas últimas décadas. Esta atividade representava, em 1980, 13,13% do valor adicionado total da RA e, em 1998, esse número caiu para 4,48%. O comércio e os serviços, por sua vez, aumentaram suas participações. Não há dados para serviços em 1980, mas o comércio representava 13,98% do valor agregado total. Já em 1998, os serviços representavam 12,36% e o comércio 20,49%. O setor industrial, o principal da região, apresentou variações negativas significativas. No total, a participação caiu de 71,61% do valor adicionado de 1980 para 61,54% em 1998.

O setor têxtil, secularmente presente na região, perdeu drasticamente sua participação na produção industrial que, em 1980, era 10,91% e, em 1998, passou para modestos 3,65%. Já no valor adicionado total da região, a têxtil reduziu seu valor adicionado gerado em 76,5% entre 1991 e 1998. Um dos principais fatores para esta queda foi a recessão econômica verificada no período, que desaqueceu o mercado interno de consumo. Da mesma forma, o câmbio supervalorizado vigente na segunda metade da década de 90 diminuiu a competitividade dos produtos nacionais no mercado externo.

A perda de representatividade do setor têxtil abriu espaço para outros setores aumentarem sua participação na produção industrial da região. Este é o caso da indústria de material de transporte, material elétrico e de comunicação e produtos alimentícios. Apesar desses setores aumentarem suas participações no total da indústria da RA de Sorocaba, eles diminuíram o montante de valor adicionado total, acompanhando a queda de produção da RA.

Dentro da região administrativa de Sorocaba, há um forte predomínio da região de governo de Sorocaba no total de valor adicionado produzido, representando 67,14% em 1998. A região de governo de Itapetininga vem logo em seguida, com 12,54%. As demais regiões não possuem relevância significativa na produção da RA. Em terceiro lugar está a RG de Botucatu representa 7,72%, seguida pela RG de Itapeva 7,11% e, por último, a RG de Avaré com 5,48%. Esta é uma consequência natural segundo a avaliação já realizada, uma vez que a região de governo de Sorocaba é a mais populosa, que recebe mais migrantes, que apresenta as melhores condições de vida e a que concentra mais indústrias.

Acompanhando o movimento da produção, o nível de emprego da década de 90 cresceu fortemente no setor de serviços e decresceu, de maneira geral, na indústria. Segundo a Tabela 4 abaixo, o emprego na indústria no estado de São Paulo caiu 18,33%, enquanto que no comércio cresceu 41,19% e no setor de serviços cresceu 30,67%. Na RA de Sorocaba o setor industrial apresentou um crescimento muito pequeno, enquanto que na RG esta variação foi negativa em 4,22%.

Tabela 4
Empregos ocupados no mercado formal em 1991 e 2000.

	Estado de São Paulo			RA de Sorocaba			RG de Sorocaba		
	1991	2000	Variação (%)	1991	2000	Variação (%)	1991	2000	Variação (%)
Total de empregos ocupados	7.621.133	8.049.213	5,62	337.936	425.749	25,99	209.157	250.046	19,55
Empregos ocupados na indústria	2.746.987	2.243.488	-18,33	138.865	140.920	1,48	97.645	93.526	-4,22
Empregos ocupados no comércio	935.196	1.320.396	41,19	43.030	70.800	64,54	23.444	40.995	74,86
Empregos ocupados nos serviços	3.193.173	4.172.457	30,67	121.770	174.865	43,60	74.902	107.990	44,18
Demais empregos ocupados	745.777	312.872	-58,05	34.271	39.164	14,28	13.166	7.535	-42,77

Fonte: SEADE

Esta década foi caracterizada pelo aumento da informalização do mercado de trabalho brasileiro. Com a recessão econômica e a abertura comercial, as grandes empresas se viram obrigadas a reestruturar sua produção e a reduzir

custos para sobreviver neste cenário mais competitivo. Um dos meios para reduzir os custos foi a flexibilização das leis trabalhistas e a terceirização dos serviços. Assim, serviços antes realizados por funcionários contratados por esta grande empresa de acordo com a CLT, passaram a ser feitos por funcionários de empresas menores, geralmente contratados sem carteira assinada ou por tempo limitado. As grandes empresas, dessa forma, que eram as grandes contratadoras de celetistas (funcionários contratados de acordo com a CLT), reduziram as contratações neste período e as pequenas empresas, contratantes tanto de celetistas como de funcionários sem carteira, passaram a contratar mais funcionários, porém, nem todos formalizados.

Essa precarização do mercado de trabalho aumentou o número de trabalhadores informais e autônomos e deslocou a oferta de empregos para o setor de prestação de serviços. Essa é uma das razões que explicam a elevação dos empregos ocupados em serviços na década de 90 (Baltar, P. - 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Sorocaba mostrou que sociedades voltadas para o comércio e para o abastecimento interno foram de fundamental importância para o desenvolvimento do país, mesmo estando à margem da economia agrário-exportadora predominante na época.

Os interesses internos e externos passavam pelas mãos dos tropeiros, responsáveis pelo fornecimento do transporte mais utilizado antes do surgimento das ferrovias, e se concretizavam na feira anual de muares de Sorocaba.

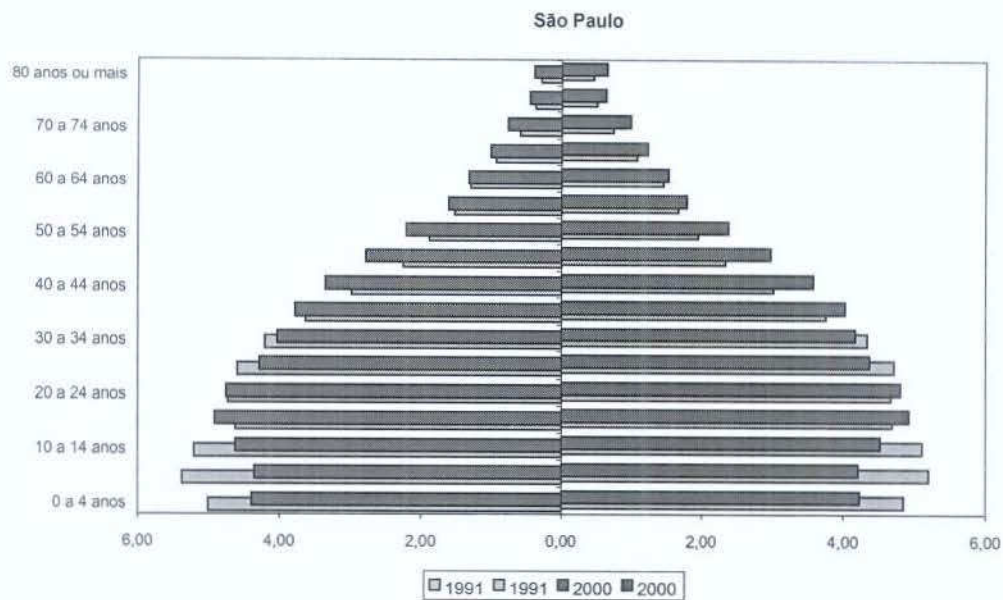
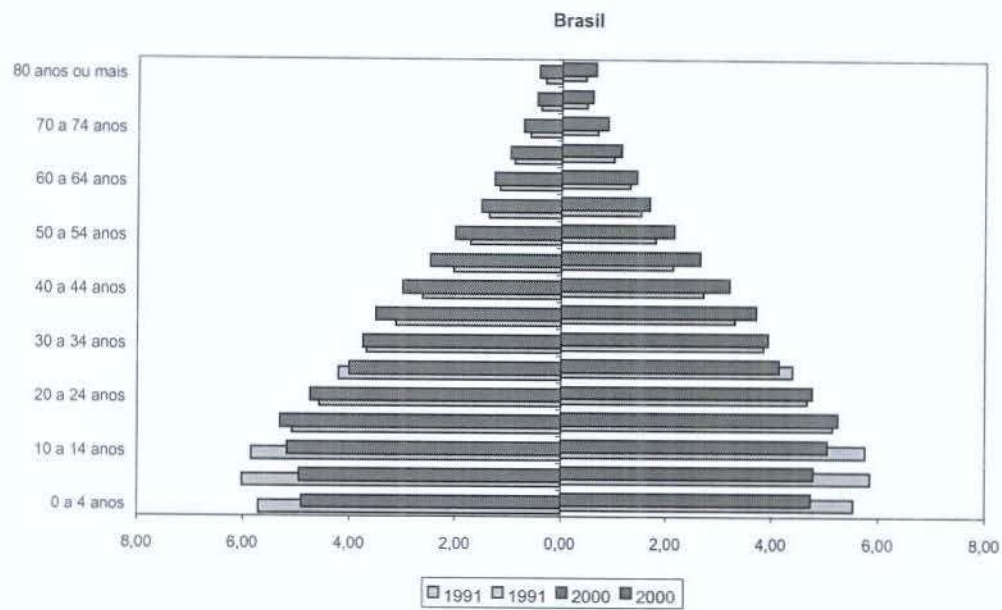
Assim, surgiu uma sociedade organizada para atender o grande público que vinha de todo o Brasil, produzindo mercadorias e serviços úteis tanto para os tropeiros quanto para os visitantes. Com as atividades urbanas em plena expansão, enraizou-se nesta sociedade as figuras do burguês comerciante e do trabalhador assalariado livre, características que facilitaram o surgimento do sistema produtivo industrial.

Com o passar dos anos, a região foi se desenvolvendo e se tornando uma das maiores forças industriais do interior de São Paulo e do Brasil, atraindo pessoas de diversas partes do país. O fluxo migratório foi intenso nos anos 70 e 80, mas a produção não acompanhou este mesmo ritmo.

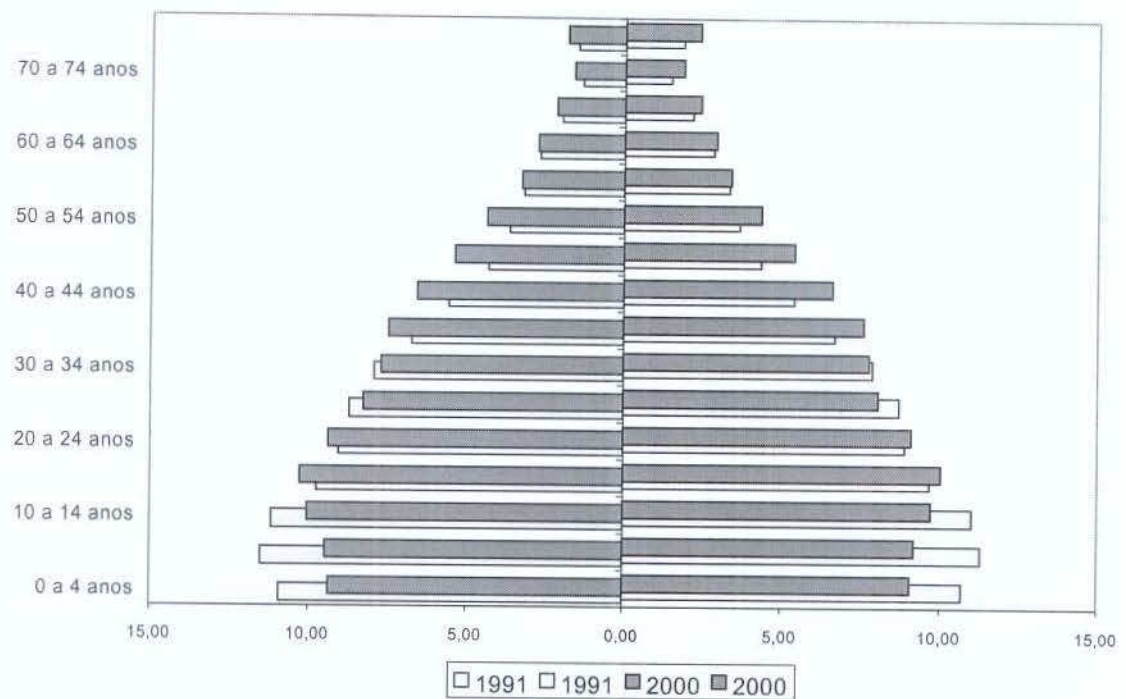
Atualmente, a região está entre as mais importantes do estado em nível de produção, mas, nos últimos anos perdeu um pouco este espaço devido à crise econômica e à retração do mercado interno.

Mesmo assim, a região de Sorocaba se consolidou como um importante espaço produtivo do estado na década de 90. Com boas rodovias que levam aos principais eixos econômicos e boa qualidade de vida, a região tem tudo para voltar a crescer, juntamente com o país, neste início do século XXI.

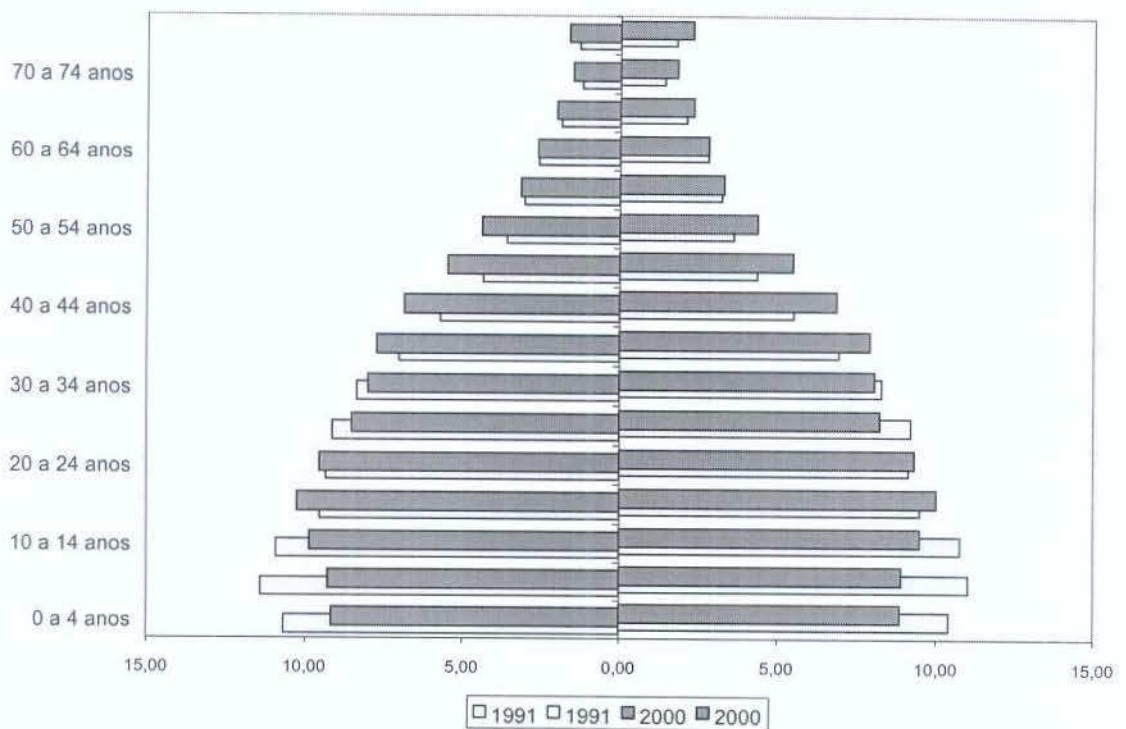
Anexo Estatístico



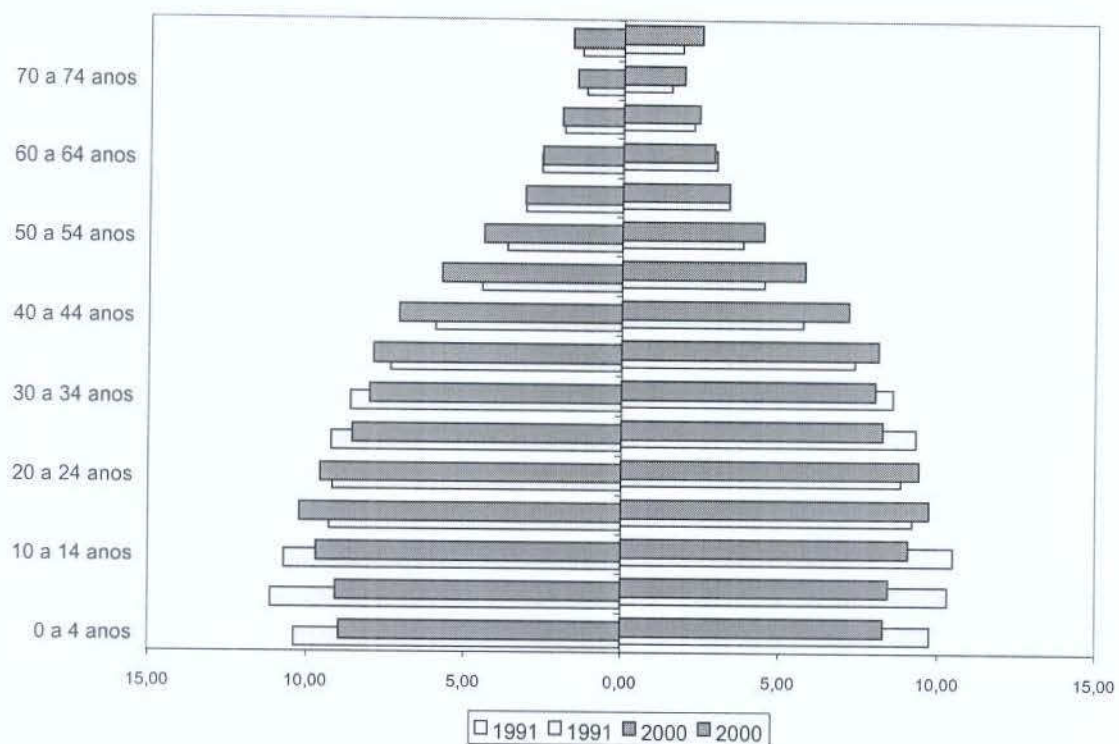
Região Administrativa de Sorocaba



Região de Governo de Sorocaba



Município de Sorocaba



Valor Adicionado Fiscal - Região de Governo de Sorocaba

Nome do Grupo	Nome do Setor	1980		1991		1998	
		VA	%	VA	%	VA	%
Agropecuária	Contribuintes Cadastrados	829.707.945	100,00	1.727.230.356	99,15	120.008.068	83,01
Agropecuária	Contribuintes Não Cadastrados	-	-	14.830.610	0,85	24.556.009	16,99
Agropecuária	Total	829.707.945	22,22	1.742.060.966	3,36	144.564.077	1,16
Comércio	Comércio Varejista	391.430.866	63,29	3.816.457.958	74,08	1.557.867.103	66,13
Comércio	Comércio Atacadista	226.998.342	36,71	1.335.669.765	25,92	797.805.633	33,87
Comércio	Total	618.429.207	16,56	5.152.127.723	9,93	2.355.672.736	18,83
Indústria	Material de Transporte	-	-	3.359.101.139	9,46	1.016.137.452	11,96
Indústria	Metalúrgica	517.694	0,02	2.752.580.210	7,75	978.156.943	11,52
Indústria	Material Elétrico e de Comunicações	-	-	4.329.302.435	12,20	943.585.453	11,11
Indústria	Produtos Químicos	-	-	1.516.982.910	4,27	574.880.221	6,77
Indústria	Produtos Alimentícios	896.800	0,04	1.660.481.429	4,68	760.265.584	8,95
Indústria	Produtos Têxteis	-	-	2.021.032.704	5,69	138.085.789	1,63
Indústria	Produtos Farmacêuticos, Médicos e Perfumaria	-	0	485.600.077	1,37	106.999.282	1,26
Indústria	Produtos Minerais Não-Metálicos e Cimento	1.822.592.045	82,60	3.417.641.797	9,63	757.431.657	8,92
Indústria	Papel e Papelão	92.189.666	4,18	882.254.201	2,49	101.952.930	1,20
Indústria	Produtos Mecânicos	-	-	3.769.691.124	10,62	1.014.432.554	11,94
Indústria	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	-	-	1.445.170.779	4,07	208.136.775	2,45
Indústria	Material Plástico	-	-	940.555.293	2,65	442.342.455	5,21
Indústria	Produtos de Borracha	-	-	693.444.531	2	136.935.564	2
Indústria	Bebidas, Líquidos Alcoólicos e Vinagre	4.871	0,00	2.340.488.361	6,59	616.965.724	7,26
Indústria	Mobiliários	-	-	202.752.588	0,57	105.855.769	1,25
Indústria	Editorial e Gráfica	1.447.868	0,07	89.971.130	0,25	36.719.641	0,43
Indústria	Diversos (I e III)	-	-	55.940.167	0,16	28.896.305	0,34
Indústria	Diversos (II)	-	-	155.317.587	0	59.396.552	1
Indústria	Artigos e Artefatos de Madeira	63.396.501	2,87	2.007.027.656	5,65	214.650.099	2,53
Indústria	Produtos do Reino Vegetal-In Natura	45.054.788	2,04	113.673.867	0,32	65.972.627	0,78
Indústria	Produtos do Reino Animal-In Natura-Frigoríficos	-	-	57.976.582	0,16	79.804.824	0,94
Indústria	Fumo e Produtos Derivados	-	-	-	-	-	-
Indústria	Pedra e Outros Materiais de Construção	151.890	0	16.194.711	0	8.272.140	0
Indústria	Couros, Peles e Produtos Similares	-	-	14.188.812	0,04	1.366.076	0,02
Indústria	Outras Indústrias	13.283.475	1	55.510.518	0	11.131.554	0
Indústria	Indústria Extrativa	48.395.647	2,19	326.209.814	0,92	86.044.435	1,01
Indústria	Total	2.206.585.001	59,08	35.498.624.538	68,40	8.494.418.403	67,90
Outras	Outras Atividades	17.245.443	46,12	620.442.396	12,52	154.330.048	98,40
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam (Item 33)	2.646.851	7,08	4.321.789.960	87,18	2.479.771	1,58
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam Verso	17.292.268	46	15.008.881	0	-	-
Outras	Total	37.393.435	1,00	4.957.241.237	9,55	156.840.904	1,25
Serviços	Serviço de Transporte	-	-	1.984.476.982	52,94	391.975.893	28,86
Serviços	Serviço de Comunicação	-	-	116.691.502	3,11	-	-
Serviços	Geração e Distribuição de Eletricidade	-	-	1.564.520.007	41,73	-	-
Serviços	Total	-	-	3.748.830.994	7,22	1.358.364.665	10,86
Total	Total	3.734.875.267	100,00	51.902.263.555	100,00	12.509.860.784	100,00

Fonte: SEADE 2001

Valores corrigidos pelo índice de correção IGP-DI (FGV) - valores em R\$/2004

Valor Adicionado Fiscal - Região de Governo de Avaré

Nome do Grupo	Nome do Setor	1980		1991		1998	
		VA	%	VA	%	VA	%
Agropecuária	Contribuintes Cadastrados	1.200.669.947	100,00	1.551.532.511	97,86	138.324.801	93,52
Agropecuária	Contribuintes Não Cadastrados	-	-	31.039.072	1,96	9.585.215	6,48
Agropecuária	Total	1.200.669.947	47,71	1.585.420.856	41,56	147.910.016	14,48
Comércio	Comércio Varejista	501.833.763	63,76	578.231.421	63,35	188.088.205	52,85
Comércio	Comércio Atacadista	285.201.135	36,24	334.534.341	36,65	167.786.459	47,15
Comércio	Total	787.034.898	31,28	912.765.763	23,93	355.874.663	34,84
Indústria	Material de Transporte	18.794.305	4,06	39.577.577	5,44	1.969.839	0,65
Indústria	Metalúrgica	12.232.822	2,65	21.389.547	2,94	5.161.969	1,69
Indústria	Material Elétrico e de Comunicações	-	-	9.003.949	1,24	3.892.223	1,28
Indústria	Produtos Químicos	-	-	4.408.038	0,61	4.950.577	1,63
Indústria	Produtos Alimentícios	12.232.822	2,65	177.341.600	24,39	117.617.800	38,62
Indústria	Produtos Têxteis	-	-	-	-	131.355	0,04
Indústria	Produtos Farmacêuticos, Médicos e Perfumaria	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos Minerais Não-Metálicos e Cimento	25.074.171	5,42	32.078.251	4,41	17.588.752	5,77
Indústria	Papel e Papelão	-	-	-	-	894.006	0,29
Indústria	Produtos Mecânicos	55.806.199	12,07	39.864.823	5,48	5.716.549	1,88
Indústria	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	2.053.987	0,44	110.561.489	15,20	21.798.144	7,16
Indústria	Material Plástico	-	-	-	-	7.777.687	2,55
Indústria	Produtos de Borracha	-	-	-	-	-	-
Indústria	Bebidas, Líquidos Alcoólicos e Vinagre	20.438.471	4,42	16.589.333	2,28	19.648.658	6,45
Indústria	Mobiliários	4.302.511	0,93	1.536.872	0,21	803.864	0,26
Indústria	Editorial e Gráfica	2.014.575	0,44	1.917.239	0,26	1.869.703	0,61
Indústria	Diversos (I e II)	3.454.439	0,75	17.542.517	2,41	892.037	0,29
Indústria	Diversos (II)	-	-	-	-	-	-
Indústria	Artigos e Artefatos de Madeira	3.386.849	0,73	16.249.875	2,23	3.834.376	1,26
Indústria	Produtos do Reino Vegetal-In Natura	155.300.629	33,59	50.896.450	7,00	20.693.788	6,79
Indústria	Produtos do Reino Animal-In Natura-Frigoríficos	-	-	28.366.522	3,90	53.652.457	17,62
Indústria	Fumo e Produtos Derivados	-	-	-	-	-	-
Indústria	Pedra e Outros Materiais de Construção	2.413.517	1	-	-	-	-
Indústria	Couros, Peles e Produtos Similares	1.689.957	0,37	1.176.313	0,16	563.859	0,19
Indústria	Outras Indústrias	-	-	-	-	-	-
Indústria	Indústria Extrativa	5.805.660	1,26	36.555.945	5,03	14.751.214	4,84
Indústria	Total	462.363.161	18,37	727.238.662	19,07	304.574.826	29,81
Outras	Outras Atividades	7.009.383	60,99	29.275.154	69,49	7.502.760	78,79
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam (Item 33)	2.645.374	23,02	12.146.880	28,83	1.710.155	17,96
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam Verso	1.463.510	13	705.235	2	-	-
Outras	Total	11.492.215	0,46	42.127.270	1,10	9.521.942	0,93
Serviços	Serviço de Transporte	-	-	51.959.462	15,41	22.459.711	11,03
Serviços	Serviço de Comunicação	-	-	95.889.144	28,44	-	-
Serviços	Geração e Distribuição de Eletricidade	-	-	44.210.225	13,11	-	-
Serviços	Total	-	-	337.167.231	8,84	203.672.111	19,94
Total	Total	2.516.351.087	100,00	3.814.439.564	100,00	1.021.553.559	100,00

Fonte: SEADE 2001

Valores corrigidos pelo índice de correção IGP-DI (FGV) - valores em R\$/2004

Valor Adicionado Fiscal - Região de Governo de Botucatu

		1980		1991		1998	
Nome do Grupo	Nome do Setor	VA	%	VA	%	VA	%
Agropecuária	Contribuintes Cadastrados	878.063.879	100,00	1.648.605.740	99,38	220.952.289	98,39
Agropecuária	Contribuintes Não Cadastrados	-	-	10.291.997	0,62	3.613.776	1,61
Agropecuária	Total	878.063.879	27,49	1.658.897.738	25,05	224.566.064	15,61
Comércio	Comércio Varejista	423.265.396	81,43	665.979.893	67,47	230.329.466	71,38
Comércio	Comércio Atacadista	96.501.102	18,57	321.149.841	32,53	92.336.324	28,62
Comércio	Total	519.766.498	16,27	987.129.734	14,90	322.665.790	22,42
Indústria	Material de Transporte	85.505.387	4,79	731.018.425	22,09	115.317.102	16,92
Indústria	Metalúrgica	38.081.354	2,13	76.252.993	2,30	19.686.575	2,89
Indústria	Material Elétrico e de Comunicações	-	-	-	-	1.165.313	0,17
Indústria	Produtos Químicos	-	-	-	-	422.396	0,06
Indústria	Produtos Alimentícios	245.123.810	13,72	654.991.382	19,80	139.164.991	20,42
Indústria	Produtos Têxteis	10.616.055	0,59	85.959.384	2,60	35.814.301	5,26
Indústria	Produtos Farmacêuticos, Médicos e Perfumaria	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos Minerais Não-Metálicos e Cimento	45.615.452	2,55	92.909.634	2,81	22.374.435	3,28
Indústria	Papel e Papelão	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos Mecânicos	47.173.733	2,64	4.093.353	0,12	3.911.733	0,57
Indústria	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	93.899.219	5,26	590.056.497	17,83	30.044.396	4,41
Indústria	Material Plástico	149.789.995	8,39	316.541.146	9,57	60.661.568	8,90
Indústria	Produtos de Borracha	-	-	-	-	-	-
Indústria	Bebidas, Líquidos Alcoólicos e Vinagre	4.179.293	0,23	7.972.035	0,24	30.409.374	4,46
Indústria	Mobiliários	3.063.102	0,17	1.842.649	0,06	1.003.035	0,15
Indústria	Editorial e Gráfica	3.679.460	0,21	10.070.141	0,30	4.116.631	0,60
Indústria	Diversos (I e III)	1.564.966	0,09	3.083.775	0,09	5.187.462	0,76
Indústria	Diversos (II)	-	-	-	-	279.862	0
Indústria	Artigos e Artefatos de Madeira	3.725.557	0,21	11.192.003	0,34	127.951.091	18,78
Indústria	Produtos do Reino Vegetal-In Natura	34.971.724	1,96	21.491.128	0,65	4.371.763	0,64
Indústria	Produtos do Reino Animal-In Natura-Frigoríficos	4.679.144	0,26	6.555.211	0,20	56.921.580	8,35
Indústria	Fumo e Produtos Derivados	-	-	-	-	-	-
Indústria	Pedra e Outros Materiais de Construção	-	-	293.767	0	143.694	0
Indústria	Couros, Peles e Produtos Similares	24.498.663	1,37	39.210.025	1,19	2.239.847	0,33
Indústria	Outras Indústrias	-	-	-	-	273.380	0
Indústria	Indústria Extrativa	30.091.354	1,68	37.201.613	1,12	11.310.663	1,66
Indústria	Total	1.786.217.025	55,92	3.308.852.272	49,96	681.488.231	47,36
Outras	Outras Atividades	6.855.940	69,98	19.058.120	94,88	4.802.580	94,32
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam (Item 33)	2.623.020	26,77	66.427	0,33	253.910	4,99
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam Verso	35.643	0	961.378	5	-	-
Outras	Total	9.796.562	0,31	20.085.925	0,30	5.092.015	0,35
Serviços	Serviço de Transporte	-	-	301.925.884	56,27	52.340.255	25,51
Serviços	Serviço de Comunicação	-	-	98.041.761	18,27	-	-
Serviços	Geração e Distribuição de Eletricidade	-	-	136.554.645	25,45	-	-
Serviços	Total	-	-	536.522.290	8,10	205.201.283	14,26
Total	Total	3.194.282.596	100,00	6.622.869.167	100,00	1.439.013.384	100,00

Fonte: SEADE 2001

Valores corrigidos pelo índice de correção IGP-DI (FGV) - valores em R\$/2004

Valor Adicionado Fiscal - Região de Governo de Itapetininga

		1980		1991		1998	
Nome do Grupo	Nome do Setor	VA	%	VA	%	VA	%
Agropecuária	Contribuintes Cadastrados	1.603.270.017	100,00	2.055.045.513	99,49	204.352.498	94,71
Agropecuária	Contribuintes Não Cadastrados	-	-	10.450.121	0,51	11.416.809	5,29
Agropecuária	Total	1.603.270.017	26,16	2.065.495.634	22,59	215.769.307	9,23
Comércio	Comércio Varejista	658.715.469	79,62	977.669.843	78,67	300.527.566	66,23
Comércio	Comércio Atacadista	168.591.758	20,38	265.095.703	21,33	153.227.274	33,77
Comércio	Total	827.307.227	13,50	1.242.765.546	13,59	453.754.841	19,42
Indústria	Material de Transporte	1.011.227	0,03	23.328.969	0,48	5.137.650	0,39
Indústria	Metalúrgica	28.046.563	0,79	57.905.562	1,20	51.006.860	3,83
Indústria	Material Elétrico e de Comunicações	160.199.811	4,51	622.203.116	12,93	189.023.064	14,19
Indústria	Produtos Químicos	458.744.475	12,91	505.884.854	10,51	297.858.258	22,36
Indústria	Produtos Alimentícios	174.126.542	4,90	320.309.316	6,66	189.755.978	14,25
Indústria	Produtos Têxteis	423.299.893	11,92	925.083.273	19,23	244.907.426	18,39
Indústria	Produtos Farmacêuticos, Médicos e Perfumaria	-	-	-	-	227.920	0,02
Indústria	Produtos Minerais Não-Metálicos e Cimento	75.336.925	2,12	148.371.822	3,08	41.534.403	3,12
Indústria	Papel e Papelão	-	-	38.460.412	0,80	32.355.535	2,43
Indústria	Produtos Mecânicos	1.976.951	0,06	7.643.165	0,16	1.554.446	0,12
Indústria	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	280.195.081	7,89	206.969.549	4,30	32.525.105	2,44
Indústria	Material Plástico	10.608.103	0,30	90.964.666	1,89	32.542.356	2,44
Indústria	Produtos de Borracha	-	-	-	-	-	-
Indústria	Bebidas, Líquidos Alcoólicos e Vinagre	47.152.839	1,33	50.515.420	1,05	26.684.025	2,00
Indústria	Mobiliários	268.146	0,01	1.281.907	0,03	2.567.384	0,19
Indústria	Editorial e Gráfica	1.650.279	0,05	203.793.972	4,24	43.856.155	3,29
Indústria	Diversos (I e III)	-	-	11.564.726	0,24	1.406.297	0,11
Indústria	Diversos (II)	-	-	-	-	-	-
Indústria	Artigos e Artefatos de Madeira	512.435.611	14,43	352.128.113	7,32	80.705.261	6,06
Indústria	Produtos do Reino Vegetal-In Natura	86.663.265	2,44	7.928.560	0,16	17.847.752	1,34
Indústria	Produtos do Reino Animal-In Natura-Frigoríficos	-	-	-	-	27.214.336	2,04
Indústria	Fumo e Produtos Derivados	-	-	-	-	-	-
Indústria	Pedra e Outros Materiais de Construção	7.570.133	0	5.611.134	0	526.263	0,04
Indústria	Couros, Peles e Produtos Similares	3.152.863	0,09	5.625.363	0,12	1.854.330	0,14
Indústria	Outras Indústrias	-	-	6.363.381	0	2.802.500	0,21
Indústria	Indústria Extrativa	39.718.013	1,12	57.790.681	1,20	5.180.838	0,39
Indústria	Total	3.552.063.289	57,95	4.811.306.779	52,63	1.332.038.323	56,99
Outras	Outras Atividades	81.297.986	56,35	86.439.537	74,57	8.993.887	84,96
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam (Item 33)	44.383.401	30,76	4.183.738	3,61	1.273.699	12,03
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam Verso	18.515.256	13	25.294.418	22	-	-
Outras	Total	144.280.077	2,35	115.917.693	1,27	10.586.249	0,45
Serviços	Serviço de Transporte	-	-	430.799.682	51,18	74.647.148	22,97
Serviços	Serviço de Comunicação	-	-	56.124.577	6,67	-	-
Serviços	Geração e Distribuição de Eletricidade	-	-	354.864.105	42,16	-	-
Serviços	Total	-	-	841.788.363	9,21	324.971.097	13,90
Total	Total	6.129.525.653	100,00	9.141.916.706	100,00	2.337.119.817	100,00

Fonte: SEADE 2001

Valores corrigidos pelo índice de correção IGP-DI (FGV) - valores em R\$/2004

Valor Adicionado Fiscal - Região de Governo de Itapeva

Nome do Grupo	Nome do Setor	1980		1991		1998	
		VA	%	VA	%	VA	%
Agropecuária	Contribuintes Cadastrados	829.707.945	100,00	993.180.699	99,66	95.157.362	92,90
Agropecuária	Contribuintes Não Cadastrados	-	-	3.391.725	0,34	7.272.426	7,10
Agropecuária	Total	829.707.945	22,22	996.572.423	18,39	102.429.789	7,73
Comércio	Comércio Varejista	391.430.866	63,29	592.648.690	66,44	160.580.298	48,58
Comércio	Comércio Atacadista	226.998.342	36,71	299.421.846	33,56	169.943.206	51,42
Comércio	Total	618.429.207	16,56	892.070.535	16,46	330.523.504	24,95
Indústria	Material de Transporte	-	-	-	-	-	-
Indústria	Metalúrgica	517.694	0,02	1.065.615	0,06	46.507.024	7,11
Indústria	Material Elétrico e de Comunicações	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos Químicos	-	-	-	-	7.287.944	1,11
Indústria	Produtos Alimentícios	896.800	0,04	7.801.523	0,47	22.183.268	3,39
Indústria	Produtos Têxteis	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos Farmacêuticos, Médicos e Perfumaria	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos Minerais Não-Metálicos e Cimento	1.822.592.045	82,60	982.788.035	59,11	328.897.009	50,29
Indústria	Papel e Papelão	92.189.666	4,18	-	-	103.056.860	15,76
Indústria	Produtos Mecânicos	-	-	-	-	-	-
Indústria	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	-	-	17.682.269	1,06	497.740	0,08
Indústria	Material Plástico	-	-	-	-	-	-
Indústria	Produtos de Borracha	-	-	-	-	-	-
Indústria	Bebidas, Líquidos Alcoólicos e Vinagre	4.871	0,00	-	-	-	-
Indústria	Mobiliários	-	-	151.642	0,01	406.995	0,06
Indústria	Editorial e Gráfica	1.447.868	0,07	3.444.288	0,21	1.430.531	0,22
Indústria	Diversos (I e III)	-	-	-	-	-	-
Indústria	Diversos (II)	-	-	-	-	-	-
Indústria	Artigos e Artefatos de Madeira	63.396.501	2,87	48.710.926	2,93	30.855.005	4,72
Indústria	Produtos do Reino Vegetal-In Natura	45.054.788	2,04	88.727.981	5,34	22.703.997	3,47
Indústria	Produtos do Reino Animal-In Natura-Frigoríficos	-	-	-	-	13.940.185	2,13
Indústria	Fumo e Produtos Derivados	-	-	-	-	-	-
Indústria	Pedra e Outros Materiais de Construção	151.890	0	503.677	0	360.605	0,06
Indústria	Couros, Peles e Produtos Similares	-	-	-	-	-	-
Indústria	Outras Indústrias	13.283.475	1	-	-	191.212	0,03
Indústria	Indústria Extrativa	48.395.647	2,19	230.919.876	13,89	67.506.061	10,32
Indústria	Total	2.206.585.001	59,08	1.662.623.044	30,68	654.006.998	49,37
Outras	Outras Atividades	17.245.443	46,12	27.596.287	2,87	3.945.936	14,96
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam (Item 33)	2.646.851	7,08	921.754.644	95,95	21.224.115	80,45
Outras	Contribuintes Não Cadastrados-Dipam Verso	17.292.268	46	11.231.104	1	-	-
Outras	Total	37.393.435	1,00	960.689.028	17,73	26.381.306	1,99
Serviços	Serviço de Transporte	-	-	602.726.726	76,45	100.296.251	47,43
Serviços	Serviço de Comunicação	-	-	22.933.778	2,91	-	-
Serviços	Geração e Distribuição de Eletricidade	-	-	120.010.576	15,22	-	-
Serviços	Total	-	-	788.360.472	14,55	211.478.955	15,96
Total	Total	3.734.875.267	100,00	5.418.887.138	100,00	1.324.820.551	100,00

Fonte: SEADE 2001

Valores corrigidos pelo índice de correção IGP-DI (FGV) - valores em R\$/2004

Referências Bibliográficas

BALTAR, P. (2003) *Estrutura Econômica e Emprego Urbano na Década de 90*. In. PRONI & HENRIQUE. Trabalho, Mercado e Sociedade. São Paulo: Ed. Unesp, Campinas: IE/UNICAMP

CANO, W. *Raízes da Concentração Industrial de São Paulo*. T.A . Queiroz, São Paulo, 1983.

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). www.seade.gov.br

_____. PAEP 2001, *Distribuição Regional da Atividade Econômica Paulista*

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1979. 16ª Edição

Gonçalves Ohtake, M. Flora. *O processo de urbanização em SP: Dois momentos, duas faces*. Dissertação de mestrado PUC – SP, (1982)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) www.ibge.gov.br

KLEIN, Herbert S. *A Oferta de Muebles no Barsil Central: O Mercado de Sorocaba, 1825 – 1880*. Est. Econ., São Paulo, V. 19, No 2, P. 347-372, Maio-Ago, 1989

MELLO, J. M. Cardoso. *O Capitalismo Tardio. Contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira*. 10 ed. – Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1998

Negri, Barjas; Gonçalves, M. Flora e Cano, Wilson. *O processo de interiorização do desenvolvimento e da urbanização no estado de SP*. In Cano, Wilson (Coord). *A interiorização do desenvolvimento econômico do estado de SP (1920 – 1980)*. São Paulo, Fundação SEADE (1988).

_____ *A interiorização da indústria paulista (1920-1980)* In Cano, Wilson (Coord). *A interiorização do desenvolvimento econômico do estado de SP (1920 – 1980)*. São Paulo, Fundação SEADE (1988).

PATARRA, N.L et alli (1992). *O Censo Demográfico de 1991 e a Nova Realidade Regional de São Paulo*. Documento de Trabalho n.1. NESUR / IE - UNICAMP.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Barão de Iguape. Um empresário da época da independência*. São Paulo, Nacional, 1976

STRAFORINI, Rafel. *No Caminho das Tropas. Sorocaba*. SP. Editora TCM Comunicação, 2001.

Zimmermann, Gustavo. *A Região Administrativa de Sorocaba*. In São Paulo no Limiar do Século XXI – Cenários da Urbanização Paulista, Regiões Administrativas. Fundação SEADE 1992